

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

P896e Prado, Lucas Leonardo Oliveira do
Estrada parque 7 voltas: análise da ocupação das margens do rio
Una. / Lucas Leonardo Oliveira do Prado. - - 2021.
55 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de
Arquitetura, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Oswaldo Soares de Oliveira.
Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

1. Comunidade sustentável. 2. Agroturismo. 3. Habitação social. 4.
Arquitetura vernacular. 5. Paisagismo naturalista. I. Universidade de
Taubaté. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. II. Título.

CDD – 333.72

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Lucas Leonardo Oliveira do Prado

ESTRADA PARQUE 7 VOLTAS:
análise da ocupação das margens do rio Una

Taubaté
2021

Lucas Leonardo Oliveira do Prado

**ESTRADA PARQUE 7 VOLTAS:
análise da ocupação das margens do rio Una**

Projeto de Pesquisa para o desenvolvimento do Trabalho de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Taubaté, elaborado sob orientação do Prof. Dr. José Oswaldo Soares de Oliveira.

Taubaté

2021

RESUMO

Este trabalho consiste em desenvolver um projeto de uma comunidade agrícola sustentável inserida na bacia hidrográfica do rio Una, mais especificadamente no bairro da Pedra Grande no município de Taubaté. A proposta visa apresentar uma alternativa para ocupação das áreas rurais com qualidade e visando a sustentabilidade e autogestão destas regiões distantes dos grandes centros urbanos.

Desde a revolução industrial europeia as cidades são sobrecarregadas e então emergem os problemas que acompanham a urbanização massiva e descontrolada são algumas delas a poluição, criminalidade, falta de acesso à recursos básicos como saúde e educação, moradia e saneamento. Com a explosão da epidemia de Covid-19 no início de 2020 abre espaço para uma discussão referente aos caminhos que a sociedade tomou com relação ao desenvolvimento urbano focado na geração de lucros, do adensamento demográfico dos centros urbanos e da especulação imobiliária.

Palavras-chave: Habitação social. Comunidade sustentável. Arquitetura vernacular. Agroturismo. Autogestão.

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1. Falinstério – Fonte: BENEVOLO (1981)

Figura 2. Escola em *New Lanark* (1800 – 1829) – Fonte: BENEVOLO (1981)

Figura 3. *Associates of Fellowship for Intentional Community* - Fonte *Fellowship for Intentional Community*, (2015)

Figura 4: Estruturação da pesquisa – Fonte: Acervo do Autor

Figura 5: Ecovila Clareando, Piracaia – SP - Fonte: Ecovila Clareando (2013)

Figura 6: Sistema de captação e armazenamento de águas pluviais, Ecovila Clareando - Fonte: Ecovila Clareando (2013)

Figura 7: Sistema de tratamento de água negra - Fonte: Fundação Nacional de Saúde, Catálogo de Soluções Sustentáveis de Saneamento e Gestão de Afluentes Domésticos, 2018 (p. 45)

Figura 8: Sistema de tratamento de água negra - Fonte: Fundação Nacional de Saúde, Catálogo de Soluções Sustentáveis de Saneamento e Gestão de Afluentes Domésticos, 2018 (p. 46)

Figura 9: Escola primária em Gando - Fonte: Publicado em Archdaily, 2018

Figura 10: Planta baixa e cortes esquemáticos - Fonte: Kéré Architecture, 2018

Figura 11: Localização estrada 7 voltas – Fonte: Acervo do autor

Figura 12: Mapeamento fotográfico - Fonte: Acervo do autor

Figura 13: Levantamento ocupação - Fonte: Acervo do autor

Figura 14: Uso do solo - Fonte: Acervo do autor

Figura 15: Áreas em não conformidade, Pedra Grande, Taubaté-SP - Fonte: Acervo do autor

Figura 16: sobreposição - Fonte: Acervo do autor

Figura 17: Vulnerabilidade - Fonte: Acervo do autor

Figura 18: Sobreposição vulnerabilidade- Fonte: Acervo do autor

Figura 19: Proposta de ocupação – II - Fonte: Acervo do autor

Figura 20: Módulo rural I – 1 - Fonte: Acervo do autor

Figura 21: Módulo rural I – II - Fonte: Acervo do autor

Figura 22: Valor Módulo rural I - Fonte: Acervo do autor

Figura 23: Módulo rural II - Fonte: Acervo do autor

Figura 24: Módulo rural II – II - Fonte: Acervo do autor

Figura 25: Área de estudo Pedra Grande - Fonte: Acervo do autor

Figura 26: APP Pedra grande - Fonte: Acervo do autor

Figura 27: Uso e ocupação do solo Pedra grande - Fonte: Acervo do autor

Figura 28: Vulnerabilidade Pedra grande- Fonte: Acervo do autor

Figura 29: Conformidades Pedra grande - Fonte: Acervo do autor

Figura 30: Deslocamentos - Fonte: Acervo do autor

Figura 31: Deslocamentos na bacia do Una- Fonte: Acervo do autor

Figura 32: Deslocamentos na bacia do Una - I- Fonte: Acervo do autor

Figura 33: Deslocamentos na bacia do Una - II- Fonte: Acervo do autor

Figura 34: Unidades habitacionais propostas - Fonte: Acervo do autor

Figura 35: Implantação - Fonte: Acervo do autor

Figura 36: Setorização - Fonte: Acervo do autor

Figura 37: Ventilação e Iluminação - Fonte: Acervo do autor

Figura 38: Corte esquemático na área de produção - Fonte: Acervo do autor

Figura 39: Corte esquemático na área de habitação - Fonte: Acervo do autor

Figura 40: Perspectiva - Fonte: Acervo do autor

Figura 41: Módulo de cobertura tipo I - Fonte: Acervo do autor

Figura 42: Módulo de cobertura tipo II - Fonte: Acervo do autor

Figura 43: Módulo de cobertura tipo III - Fonte: Acervo do autor

Figura 44: Módulo de cobertura tipo III – A - Fonte: Acervo do autor

Figura 45 Módulo de cobertura tipo IV - Fonte: Acervo do autor

Figura 46: Módulo de cobertura tipo V - Fonte: Acervo do autor

Figura 47: Módulo de base tipo I - Fonte: Acervo do autor

Figura 48: Módulo de base tipo II - Fonte: Acervo do autor

Figura 49: Módulo de fechamento - Fonte: Acervo do autor

Figura 50: Módulo síntese - Fonte: Acervo do autor

SUMÁRIO

Conteúdo

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 OBJETIVO GERAL	2
1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	2
1.2 RELEVÂNCIA DO TEMA E JUSTIFICATIVA	2
2. DESENVOLVIMENTO	4
2.1 CONSOLIDAÇÃO DO NOVO HABITAT	4
2.1.1 RESPOSTAS IMEDIATAS PARA NOVA ESPACIALIZAÇÃO DA URBES	4
2.2 CRISE CIVILIZATÓRIA.....	6
3. UMA OPÇÃO.....	7
3.1 LOCALIZAÇÕES FAVORAVEIS	8
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	13
4.1 ESTUDOS DE CASO	13
4.1.1 ECOVILA CLAREANDO	13
4.1.2 ESCOLA PRIMÁRIA EM GANDO.....	16
5. LEVANTAMENTO	18
6 DIRETRIZES	25
7 ESTUDO PRELIMINAR.....	29
7.1 LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO	31
7.2 O PROJETO	34
7.3 A IMPLANTAÇÃO	35
7.4 O ELEMENTO ESTRUTURAL	38
7.5 A COBERTURAS	38
7.6 BASES	42

7.7 FECHAMENTOS	43
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERENCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

O ascenso da indústria sobre bases capitalistas converteu a pobreza e a miséria das massas trabalhadoras em condição de vida da sociedade. [...] A estatística criminal crescia de ano para ano. Os vícios feudais, que até então eram exibidos impudicamente, à luz do dia, não desapareceram, mas se recolheram, por um momento, um pouco ao fundo do cenário; em troca, floresciam exuberantemente os vícios burgueses, até então superficialmente ocultos. O comércio foi degenerando, cada vez mais, em trapaça. A "fraternidade" do lema revolucionário tomou corpo nas deslealdades e na inveja da luta de concorrência. A opressão violenta cedeu lugar à corrupção, e a espada, como principal alavanca do poder social, foi substituída pelo dinheiro. (ENGELS, 1880. Online)

A associação do poder aquisitivo e geração de lucro nortearam então o desenvolvimento da sociedade e conseqüentemente do meio urbano. A globalização gera diferentes interpretações e um choque ao entrar em contato com as realidades locais, padronizando os desejos e diluindo diferenças culturais. E na zona rural do município de Taubaté não seria diferente, uma região rica em aspectos socioculturais e nas relações entre o sertanejo do vale entre o meio, por vez já retrata na obra de Monteiro Lobato em Urupês onde se cria uma imagem do caboclo preguiçoso, acomodado, marginal no que desrespeito as condições de vida, um retrato cercado de preconceitos mas que retratam em partes a realidade remanescente.

A produção agrícola tinha que correr junto a escala industrial, fazendo com que a terra fosse saturada de agrotóxicos e outros produtos químicos que de um lado maximizam a produção e por outro prejudicam a microfauna do solo, áreas de florestas dão lugar a pastos, produção de manufatura que esgotam o solo com o propósito de suprir mercado, o homem é substituído pela máquina em prol da extensiva produção.

O advento da pandemia de Covid-19 em 2020 colca em cheque a estruturação socioespacial e as relações de consumo estabelecidas até então, o meio urbano nunca estabeleceu uma opção sustentável de ocupação, pelo contrário, favorece uma relação Heterotrófica com o meio.

1.1 OBJETIVO GERAL

O projeto tem como objetivo fazer uma análise sociocultural da comunidade agrícola que se desenvolveu as margens do rio Una no município de Taubaté.

1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1.1.2 Elaborar levantamentos histórico, social, econômico, cultural da bacia do rio Una.

1.1.3 Elaborar leitura perceptiva do meio através de derivas e registradas por levantamentos fotográficos, gráficos, sonoros.

1.1.4 Indicar problemáticas e potencialidades da região.

1.1.5 Identificar pontos favoráveis para inserção das Comunidades sustentáveis

1.1.6 Identificar pontos favoráveis para inserção das áreas de produção agrícola de subsistência.

1.1.7 Definir diretrizes que favoreçam o desenvolvimento da área sem descaracterizá-la

1.1.8 Adoção de métodos construtivos com baixa emissão de carbono.

1.2 RELEVÂNCIA DO TEMA E JUSTIFICATIVA

A Globalização padroniza todos os objetivos das sociedades que entram em contato com ela, sendo na imposição de bens de consumo ou na seja nas culturas de massa. As sabedorias e tradições do campo assumem o papel de vítima ao se contrapor aos objetivos da globalização, correndo risco de ser sumariamente substituída pelo padrão de vida global.

Em 1985 o agricultor e microbiólogo japonês Massanobu Fukuoka publica *A Senda Natural do Cultivo*, onde já era abordado essa temática da sublimação das tradições locais e a sua substituição pela agricultura moderna, abre a discussão para a valorização dos meios tradicionais de cultivo. Julia Watson leciona design urbano nas universidades de Harvard e Columbia, pesquisadora, escritora, fundadora do *Julia Watson Studio* onde ensaia alternativas para o design urbano e paisagismo, em janeiro de 2020 A professora publica o livro *Lo -TEK. Design by Radical Indigenism*, obra esta que registra as alternativas para resolução de problemas diários, tanto nos aspectos de moradia, quanto, de acessibilidade, produção agrícola que ao se mesclarem com tecnologia são capazes de solucionar grandes problemáticas da

civilização. O jornalista francês Olivier Razemon , especialista em questões de mobilidade e planejamento urbano do jornal *Le Monde* em resposta a internautas diz que com a pandemia o discurso anti-urbanismo pode se intensificar mas que não resolveria a problemática da pandemia mas que possibilita uma revisão dos meios de ocupação urbana.

Existe um pensamento enraizado na sociedade contemporânea em que as zonas urbanas são refúgios das cidades e que a única fonte de renda possível para estas zonas seria a agricultura, mas existe um potencial turístico destas áreas esquecidas e distantes das manchas urbanas, onde quem já nasceu envolto em concreto e fumaça buscam a vivência e comunhão com a natureza.

2. DESENVOLVIMENTO

Os levantamentos realizados durante a pesquisa se iniciam com o intuito de compreender a evolução do meio urbano desde a revolução industrial no sec. XIX, onde os pequenos burgos tomam proporções urbanas decorrente do êxodo rural. Expansão essa que ainda ocorre.

Após o delineamento das condições em que se deram o surgimento do meio urbano a pesquisa se direciona para a compreensão das problemáticas que afligem as metrópoles do sec. XXI, como o intenso processo de globalização padroniza os desejos humanos em prol da padronização civilizatória, que por sua vez tende a suprimir pequenas realidades locais que são tidas como arcaicas pela civilização contemporânea mas que podem ter respostas simples para os problemas vigentes.

Após a compreensão dos rumos tomados pela sociedade globalizada, os estudos seguem para a compreensão da realidade local no município de Taubaté, mais especificamente na zona rural compreendida pela a bacia do rio Una, inserida na APA Bacia do Rio Paraíba do Sul (LEI COMPLEMENTAR N°412, 2017) com o intuito de observar os efeitos da globalização em uma área remota e a partir da análise feita na região propor umas alternativa para a espacialização de comunidades rurais de forma sustentável.

2.1 CONSOLIDAÇÃO DO NOVO HABITAT

Des de os primórdios das formações urbanas pós industrialização já se observava as problemáticas geradas por essas grandes aglomerações humanas em detrimento do lucro, segundo Friedrich Engels, os vícios feudais que antecederiam a urbanização gerada pelo êxodo rural foram cedendo espaço para que as problemáticas da urbes aflorassem, sendo eles as insaciável luta da concorrência, aumento nos índices de violência , prostituição e insalubridade (ENGELS,1880).

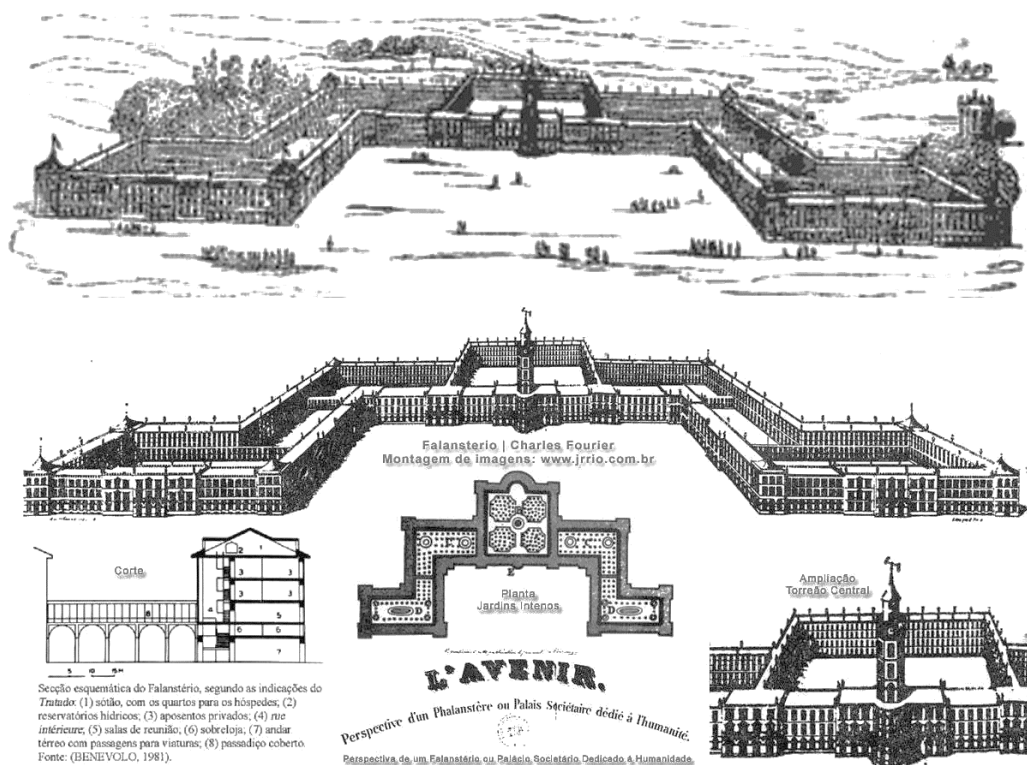
2.1.1 RESPOSTAS IMEDIATAS PARA NOVA ESPACIALIZAÇÃO DA URBES

Com a aparição e percepção prematura das mazelas urbanas, logo surgem propostas que sugerem alternativas para a espacialização das cidades, esses teóricos iluministas são denominados utopistas, que viam como a criação da propriedade privada influenciava diretamente a espacialidade urbana e acentuava as diferenças de classe. Três dos inúmeros utopista existente merecem destaque por suas propostas tão questionadoras para época, são eles

Saint-Simon, o qual foi um dos pioneiros na percepção da transição de uma sociedade rural para uma sociedade industrial, para ele a ciência e a indústria, unidas, resultariam em um “novo cristianismo” (SAINT-SIMON, 1825) que conduziria a sociedade.

Já para Fourier (1768 – 1830) a civilização oriunda da burguesia resultava em uma operação cíclica já que a geração de excedente e lucro fomenta a desigualdade. As ideias de Fourier para uma comunidade igualitária se materializa no Falanstério, uma quimera da sociedade urbanizada com a comunidade rural, onde o as atividades desempenhadas pelos residentes tinha como princípio saciar do *Eros*, de forma que os habitantes das falanges eram livres para realizar as atividades que quisessem com a finalidade de evitar fadiga da execução de atividades repetitivas. Com aplicação deste conceito de liberdade total tinha-se como efeito a extinção da hipocrisia, de realizar suas atividades pura e simplesmente por faze-las, sem que o cidadão esteja realmente envolvido e comprometido com a execução de suas atividades com vontade.

Figura 1: Falanstério

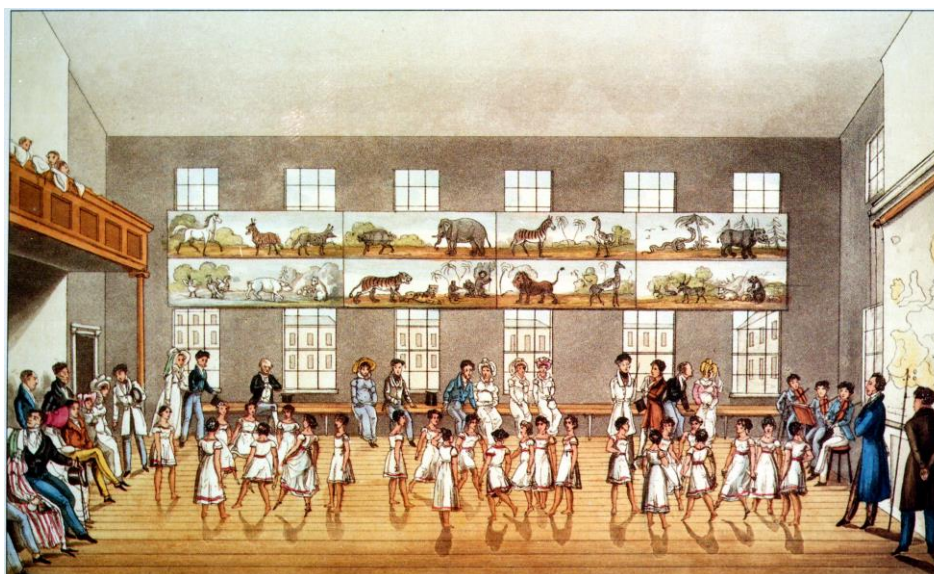


Seção esquemática do Falanstério, segundo as indicações do *Traité* (1) sótão, com os quartos para os hóspedes; (2) reservatórios hídricos; (3) aposentos privados; (4) *rue intérieure*; (5) salas de reunião; (6) sobreloja; (7) andar térreo com passagens para visitantes; (8) passadiço coberto.
Fonte: (BENEVOLO, 1981).

Fonte (BENEVOLO,1981)

Com uma proposição que pode ser interpretada uma antítese da proposta de Fourier, Robert Owen, que trabalhou desde a infância na indústria, de 1800 a 1829 colocou em pratica suas ideias na fábrica de Algodão de *New Lanark*, a qual contava com “2.500 almas” (ENGELS, 1880).

Figura 2. Escola em *New Lanark* (1800 – 1829)



Fonte (BENEVOLO,1981)

Sua principal missão era educar o homem em comunidade, idealizador do conceito dos jardins de infância, Owen crê em uma unidade familiar básica, composta por 4 famílias, com 4 pessoas cada, os filhos remanescentes eram alojados em abrigos comunitários. A comunidade contava com equipamentos públicos, indústrias, circundada por uma área destinada a produção agrícola. Ao comparar as propostas dos três utopistas, percebe-se uma busca pela equidade de classes, onde a sociedade se constrói a partir de uma relação autotrófica.

2.2 CRISE CIVILIZATÓRIA

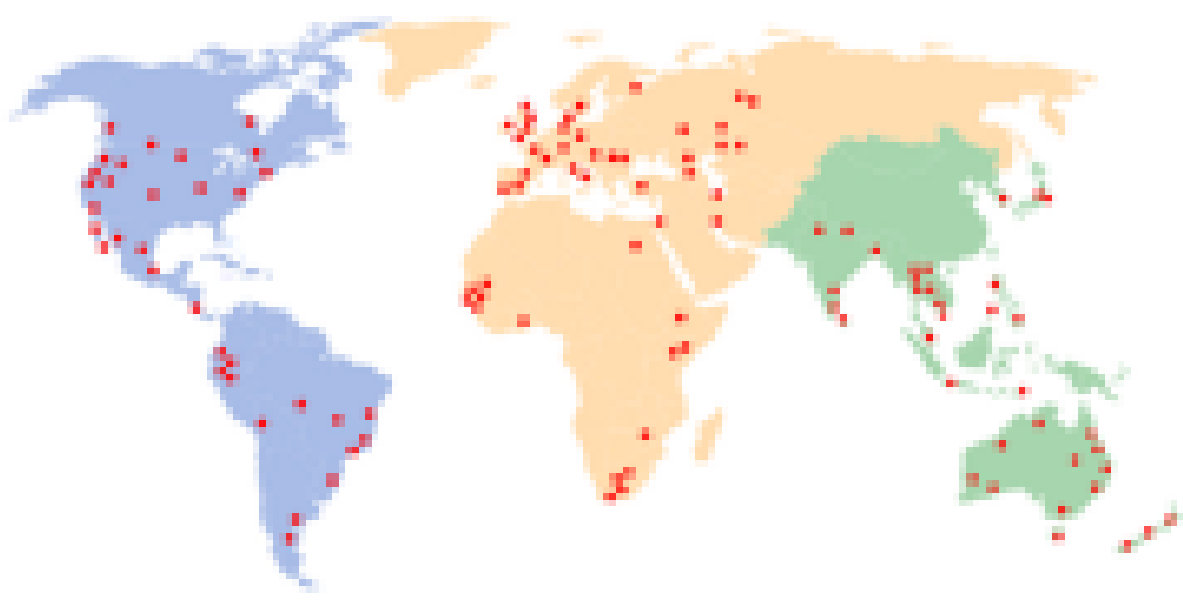
Em 31 de Abril de 2020, a doutora e livre-docente da USP, Eda Tassara sede uma entrevista que tem como foco o debate sobre o rumo sociedade frente as grandes mudanças do século, “Diria que nós estamos assistindo à crise de uma etapa no processo civilizacional do Ocidente, que está em confronto com a globalização ...” (TASSARA, E. in REVISTA E, online). Eda afirma em entrevista que o resultado do processo de globalização visa estabelecer maior relação de controle, com a propagação de um padrão de vida. Com tudo o que esse processo faz é diluir as diferenças culturais locais, padronizando as vontades e continuar gerando lucro a partir do conhecimento produzido. Ao ser confrontada com a questão do que os jovens na faixa etária do 20 podem esperar para um futuro mediante ao processo da globalização, Eda diz que os jovens já negam tais implicações do estilo de vida em seu cotidiano, muitos já não correm atrás da casa própria, idealizando moradias em habitações coletivas, mostrando que a sociedade está buscando novas formas de organização alternativa.

3. UMA OPÇÃO

Decorrente da carência de informação referente ao número de conjuntos sociais alternativos é difícil estabelecer um parâmetro da quantidade destas comunidades. O diretório de comunidades da *Fellowship for Intentional Community* e o banco de dados da *Global Ecovillage Network* apontam a existência de aproximadamente 3.000 comunidades alternativas em todo o mundo, só no ano de 2010 o Brasil contava com cerca de 50 comunidade associadas a ABRASCA.

ABRASCA ou Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis foi fundada em 1978 para interligar as comunidades alternativas nacionais com o objetivo de lista-las, facilitar a troca de sementes, promover eventos e divulgar o movimento de comunidades no país. trocassem experiências, tecnologias, práticas ecológicas, terapêuticas e espirituais e vivências comunitárias.

Figura 3. *Associates of Fellowship for Intentional Community*



Fonte *Fellowship for Intentional Community*, 2015

A *Fellowship for Intentional Community*, ano de 2015 contava com 2.717 associados,, onde 463 seram catalogadas sendo ecovila. Sua distribuição organizacional é feita em 3 macrorregiões: ENA Américas (239), GEN África, Europa e Oriente Médio (239) e GENOA Oceania e Ásia (80).

3.1 LOCALIZAÇÕES FAVORÁVEIS

Aparentemente existem situações biofísicas que favorecem a instalação das comunidades alternativas, um misto acessibilidade e conexão com o meio urbano e a beleza natural. No Brasil existem algumas regiões que atraem esse público que busca uma desconexão com os parâmetros de sociedade incorporadas até então, segundo levantamentos realizados por Gabriel Dread para uma publicação em sua página na internet:

a) Chapada dos Veadeiros (GO): 11 comunidades e ecovilas,

- Associação Cúpulas de Saint Germain (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Cidade da Fraternidade (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Comunidade Osho Lua (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Ecovila Arco-Íris (Cavalcante, GO): GEN;
- Ecovila Vale Dourado (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Flor de Ouro (Alto Paraíso, GO): ABRASCA;
- Fundação Arcádia (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Fundação Ordem Santo Graal — Cavaleiros de Maytréia (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Fazenda Bona Espero (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Instituto Quinta Essência (Alto Paraíso, GO): sem filiação;
- Quilombo Kalunga (Cavalcante, GO): sem filiação;

b) Pirenópolis, GO: 4 comunidades e ecovilas

- sede do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC).
- Comunidade FraterUnidade (Pirenópolis, GO): sem filiação;
- Fraternidade Espiritualista Vale Dourado (Pirenópolis, GO): sem filiação;
- Santuário Vagafogo (Pirenópolis, GO): sem filiação;
- Terra Nostra (Pirenópolis, GO): sem filiação;

c) Outras comunidades e ecovilas em Goiás e no Distrito Federal: 7

- Comunidade Asha (Goiânia, GO): sem filiação;
- Goiasnat — Associação Goiana de Naturismo (Aragoiânia, GO): sem filiação;
- Cidade Eclética Fraternidade Universal (Santo Antônio do Descoberto, GO): sem filiação;
- Ecovila da Montanha (São João D'Aliança, GO): GEN;
- Ecovila Santa Branca (Teresópolis, GO): GEN e MBE;
- Vale do Amanhecer (Planaltina, DF): sem filiação;
- Templo da Deusa — Wiccan Village — (Brasília, DF): FIC;

d) Chapada Diamantina, BA: 5 comunidades e ecovilas

- Comunidade Campina (Palmeiras, BA): ABRASCA;
- Ecovila Barriga da Onça (Rio de Contas, BA): sem filiação;
- Fazenda Riachinho (Rio de Contas, BA): sem filiação;
- Lothlorien — Centro de Cura e Crescimento (Palmeiras, BA): FIC;
- Rodas do Arco-íris (Palmeira, BA): sem filiação;

e) Costa do Cacau: Ilhéus e Itacaré, BA: 5 comunidades e ecovilas

- Abracadabra (Itacaré, BA): FIC — em reformulação;
- Aldeia (Itacaré, BA): sem filiação;
- Comunidade Solaris (Ilhéus, BA): GEN;
- EcoComunidade Inkiri de Piracanga (Itacaré, BA): FIC — em formação;
- Ecovila Piracanga (Itacaré, Bahia): GEN, ABRASCA e FIC — em reformulação;

f) Outras comunidades e ecovilas da Bahia: 3

- Ecovila Caminho de Abrolhos (Nova Viçosa, BA): sem filiação;
- Fundação Terra Mirim (Simões Filho, BA): GEN;
- Vila Hippie de Arembepe (Arembepe, BA): ABRASCA;

g) São Paulo, SP: 8 comunidades e ecovilas

- Amaradia (São Paulo, SP): ABRASCA;
- Casa dos Hólons (São Paulo, SP): ABRASCA;
- Casa Jaya (São Paulo, SP): ABRASCA;
- Ecobairro Vila Mariana (São Paulo, SP): sem filiação;
- Ecocasa Ateliê da Luz (São Paulo, SP): ABRASCA;
- EcoHouse Natingui (São Paulo, SP): ABRASCA;
- Ecovila São Paulo (São Paulo, SP): sem filiação;
- Morada da Floresta (São Paulo, SP): ABRASCA;

h) Interior e litoral do estado de São Paulo: 12 comunidades e ecovilas

- Comunidade de Nazaré (Nazaré Paulista, SP): sem filiação;
- Comunidade Nova Gokula (Pindamonhangaba, SP): sem filiação;
- Ecovila Clareando (Piracaia, SP): FIC — em formação;
- Ecovila Corcovado (Ubatuba, SP): GEN;
- Ecovila Cunha (Cunha, SP): sem filiação;
- Ecovila UR (São Roque, SP): sem filiação;
- Estância Demétria (Botucatu, SP): sem filiação;
- Estação Bem-te-vi (Mogi das Cruzes, SP): ABRASCA;
- Flor do Anhumas (Campinas, SP): ABRASCA;
- Parque e Instituto Visão Futuro (Porangaba, SP): GEN;
- Solo Sagrado (Guarapiranga, SP): FIC;
- Tibá (São Carlos, SP): FIC;

i) Sul de Minas Gerais: 9 comunidades e ecovilas

- Agrovila Carrancas (Carrancas, MG): sem filiação;

- Céu do Gamarra (Baependi, MG): ABRASCA;
- Ecovila Águas de Contendas (São Lourenço, MG): sem filiação;
- Figueira (Carmo da Cachoeira, MG): sem filiação;
- Fundação Harmonia (São Tomé das Letras, MG): ABRASCA;
- Mato Dentro (São Lourenço, MG): ABRASCA;
- Picada (São Tomé das Letras, MG): ABRASCA;
- Sociedade Brasileira de Eubiose (São Tomé das Letras, MG): ABRASCA;
- Vale do Matutu (Aiuruoca, MG): ABRASCA;

j) Outras comunidades e ecovilas em Minas Gerais: 5.

- Cipó / 4 Cantos do Mundo (Belo Horizonte, MG): ABRASCA;
- Ecovillage Viver Simples (Itamonte, MG): GEN e FIC — em reformulação;
- Fazenda Ananda Kirtana (Juiz de Fora, MG): sem filiação;
- Sete Ecos (Sete Lagoas, MG): FIC;
- Terra Una (Liberdade, MG): GEN;

K) Rio de Janeiro: 5 comunidades e ecovilas

- Aldeia da Mata Atlântica (Aldeia Velha, RJ): ABRASCA;
- Mirako Concept (Rio de Janeiro, RJ): GEN;
- Vale do Pavão (Visconde de Mauá, RJ): ABRASCA;
- Pindorama Atlantic Forest Institute (Nova Friburgo, RJ): GEN; · El Nagual (Magé, RJ): sem filiação;

l) Santa Catarina: 8 comunidades e ecovilas

- Ajubaí Eco Comunidade (Alfredo Wagner, SC): sem filiação;
- Aldeia Arawikay (Antônio Carlos, SC): GEN e FIC — em formação;

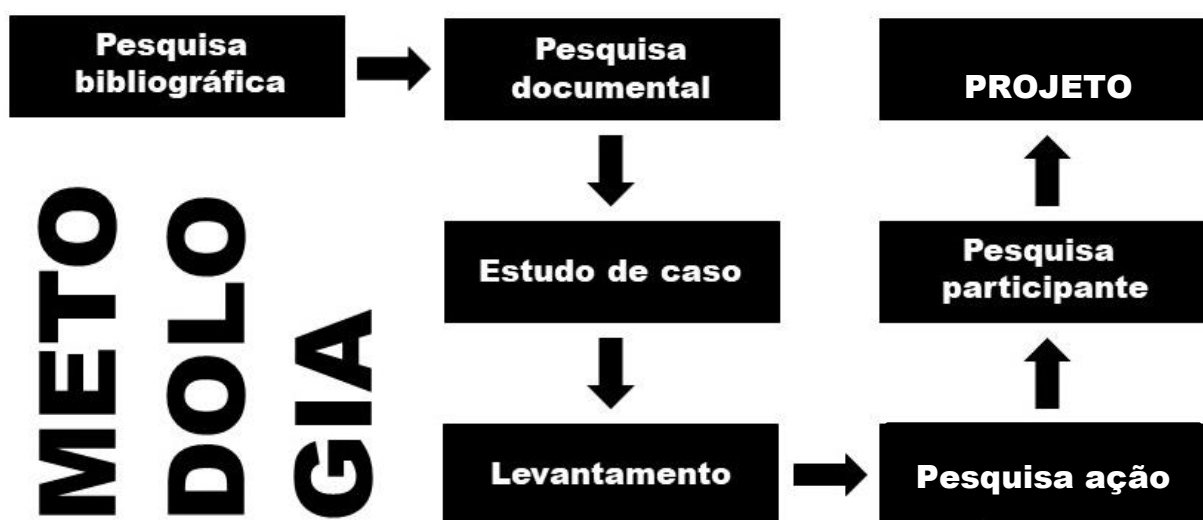
- Céu do Patriarca São José (Florianópolis, SC): sem filiação;
- Ecovila Alto-Quiriri (Campo Alegre, SC): sem filiação;
- Ecovila Encostas da Serra (Santa Rosa de Lima, SC): sem filiação;
- Ecovila Sítio Cristal Dourado (Florianópolis, SC): sem filiação;
- Sítio dos Sonhos (Águas Mornas, SC): sem filiação;
- Yvy Porã (São Pedro de Alcântara, SC): FIC;

4. MATERIAL E MÉTODOS

O projeto é norteado por uma pesquisa aplicada de modo a antecipar possíveis expansões indevidas da malha urbana e de práticas irregulares realizadas na área de estudo, pautando-se em pesquisas e quantitativas ao levar em consideração aspectos urbanísticos, ecológicos arquitetônicos levantados. Analisando aspectos qualitativos como as relações sociais, cultura local, percepção do meio.

O objetivo da pesquisa assume um caráter exploratório-descritivo, dado o momento em que se busca compreender a realidade local, a viabilidade da proposta.

Figura 4: Estruturação da pesquisa



Fonte: Arquivo do autor

4.1 ESTUDOS DE CASO

A seleção dos projetos referencia para constituir os estudos de caso levam em consideração fatores como implantação, modulação, sistemas de utilização de água pluvial e as relações perceptivas espaciais.

4.1.1 ECOVILA CLAREANDO

Concebida no ano de 2001, conta com 23 ha, coordenada por Sandra Mantelli e Edson Hiroshi. A Ecovila Clareando consiste num condomínio rural, Localizada na Serra da Mantiqueira, região entre as cidades de Piracaiá e Joanópolis, a Clareando esta situada entre vales e montanhas da Mata Atlântica.

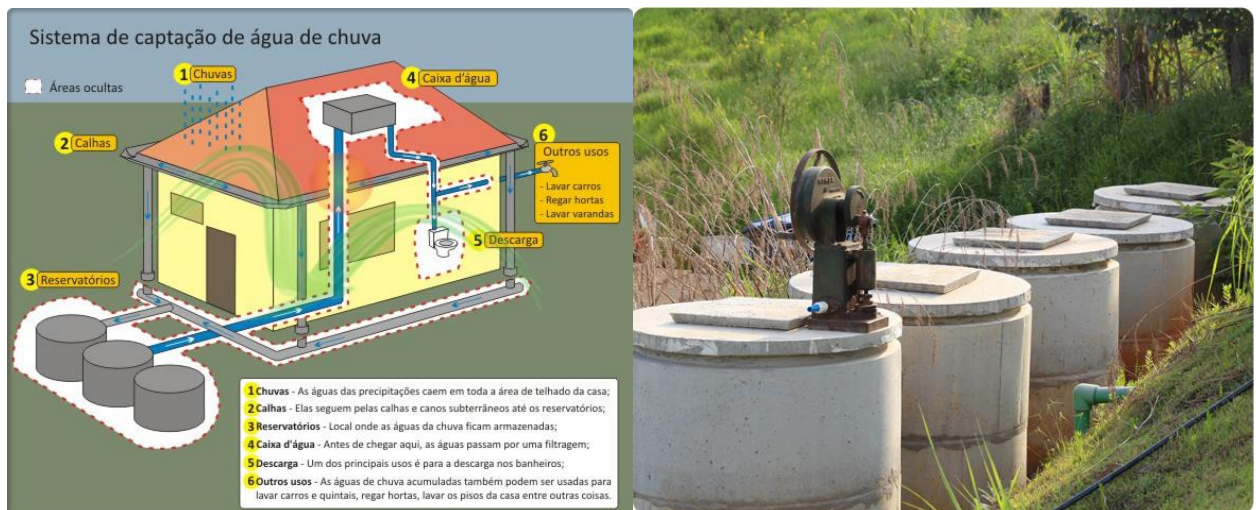
Figura 5: Ecovila Clareando, Piracaia - SP



Fonte: Ecovila Clareando, 2013

- A água acumulada nos reservatórios próprios é usada para a descarga, irrigação de hortas, lavagem de varandas, carros, roupas, pisos, entre outros. Em alguns casos, pode até ser usada para o banho.
- Esta água guardada será usada quando não houver chuva. Desta forma, o solo estará ávido a bebê-la novamente.

Figura 6: Sistema de captação e armazenamento de águas pluviais, Ecovila Clareando



Fonte: Ecovila Clareando, 2013

a água do esgoto é separada, pois podem seguir por tratamentos diferenciados. Existem vasos sanitários com descarga mínima já construídos para essa nova consciência. O esgoto bruto passa por uma mini estação de tratamento anaeróbio e seu efluente final já clarificado passa sua fase oxidativa ou aeróbia em valas de infiltração sub superficial, podendo ser aproveitado por árvores frutíferas sem nenhum problema. Esse sistema atende à norma técnica NBR 7229/93 da ABNT.

As águas servidas do chuveiro, pias e tanques passam por um tratamento biológico denominado leito de raízes, podendo ser utilizado em irrigação e outros usos menos nobres. Esse sistema pode ser construído em módulos pré-fabricados na própria obra, e gerenciado por profissionais capacitados para essa atividade.

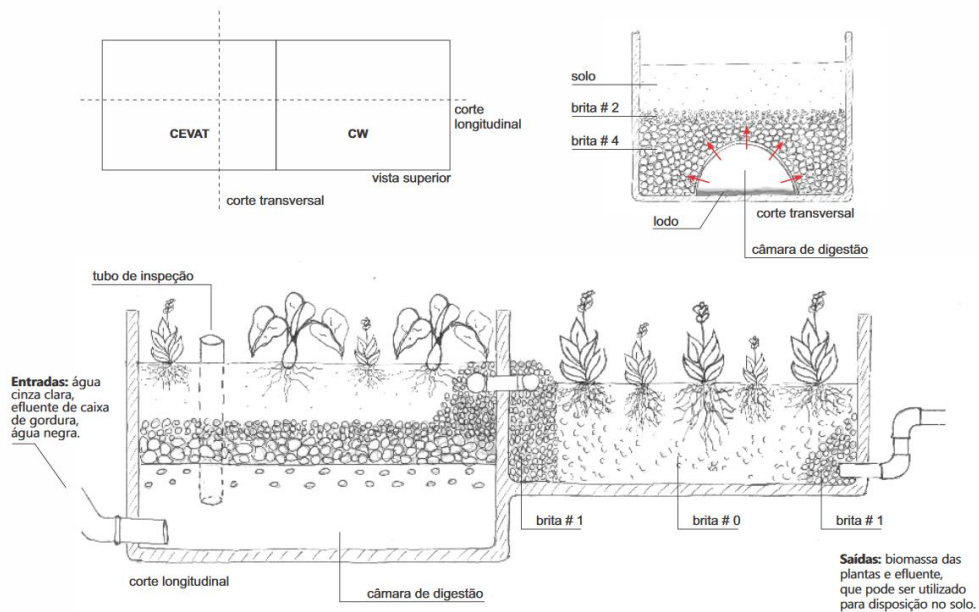
Figura 7: Sistema de tratamento de água negra



Fonte: Fundação Nacional de Saúde, Catálogo de Soluções Sustentáveis de Saneamento e Gestão de Afluentes Domésticos, 2018 (p. 45)

Figura 8: Sistema de tratamento de água negra

Evapotranspiração e tratamento de água cinza clara - EvaTAC



Fonte: Fundação Nacional de Saúde, Catálogo de Soluções Sustentáveis de Saneamento e Gestão de Afluentes Domésticos, 2018 (p. 46)

4.1.2 ESCOLA PRIMÁRIA EM GANDO

Situada em Gando, Burkina Faso na África, construída em 2001, com 310 metros quadrados, obra do Arquiteto africano Diébédo Francis Kéré. O clima quente do país definiu as estratégias bioclimáticas que incluíram a construção com tijolos de argila local, telhados com grandes beirais deslocados do teto formando áticos ventilados, além das perfurações nos tetos para a criação do efeito chaminé.

Figura 9: Escola primária em Gando

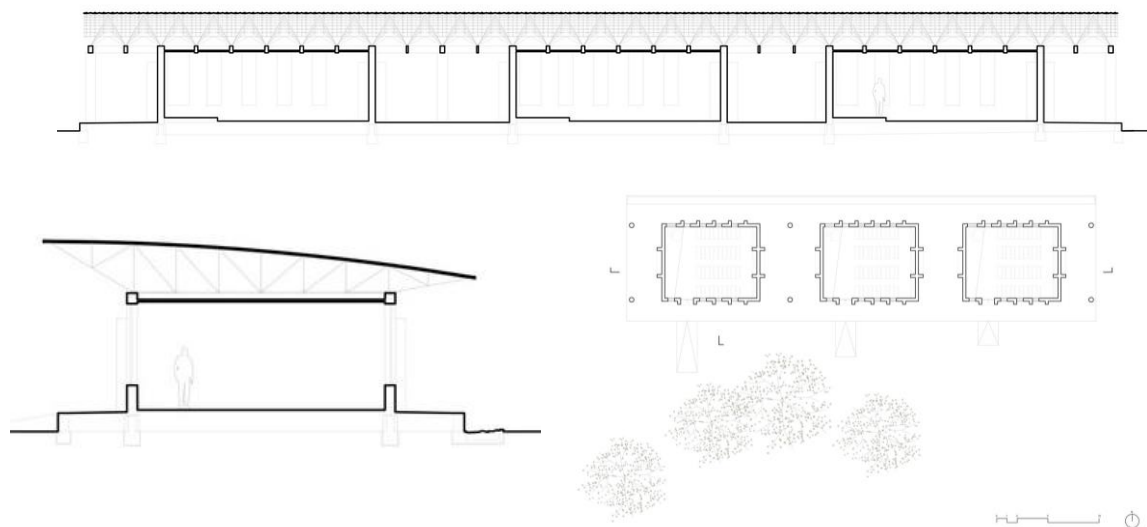


Fonte: Publicado em Archdaily, 2018

“O projeto para a escola primária evoluiu a partir de uma longa lista de parâmetros, incluindo: custo, clima, disponibilidade de recursos e viabilidade construtiva. O sucesso do projeto baseou-se em, simultaneamente, abraçar e negar essas restrições” (KERÉ, 2018)

“As crianças juntaram pedras para a fundação da escola e as mulheres trouxeram água para a fabricação de tijolos. Desta forma, técnicas tradicionais de construção foram utilizadas juntamente com métodos modernos de engenharia, a fim de produzir a melhor solução de construção de qualidade, simplificando a construção e manutenção para os trabalhadores.” (KERÉ, 2018).

Figura 10: Planta baixa e cortes esquemáticos



Fonte: Kéré Architecture, 2018

5. LEVANTAMENTO

A área de estudo selecionada para a proposta uma região conhecida como Pedra Grande, no município de Taubaté – SP, uma região recheada de belezas naturais e onde ainda a cultura popular, e o modo de vida do caboclo ainda resiste.

“Bacia do Rio Una, abrangendo uma área de 477 quilômetros quadrados, nos municípios de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba.” (RELATÓRIO TÉCNICO DA BACIA DO RIO UNA, BACIA DO RIO PARAÍBA DO SUL, 2006, p. 6).

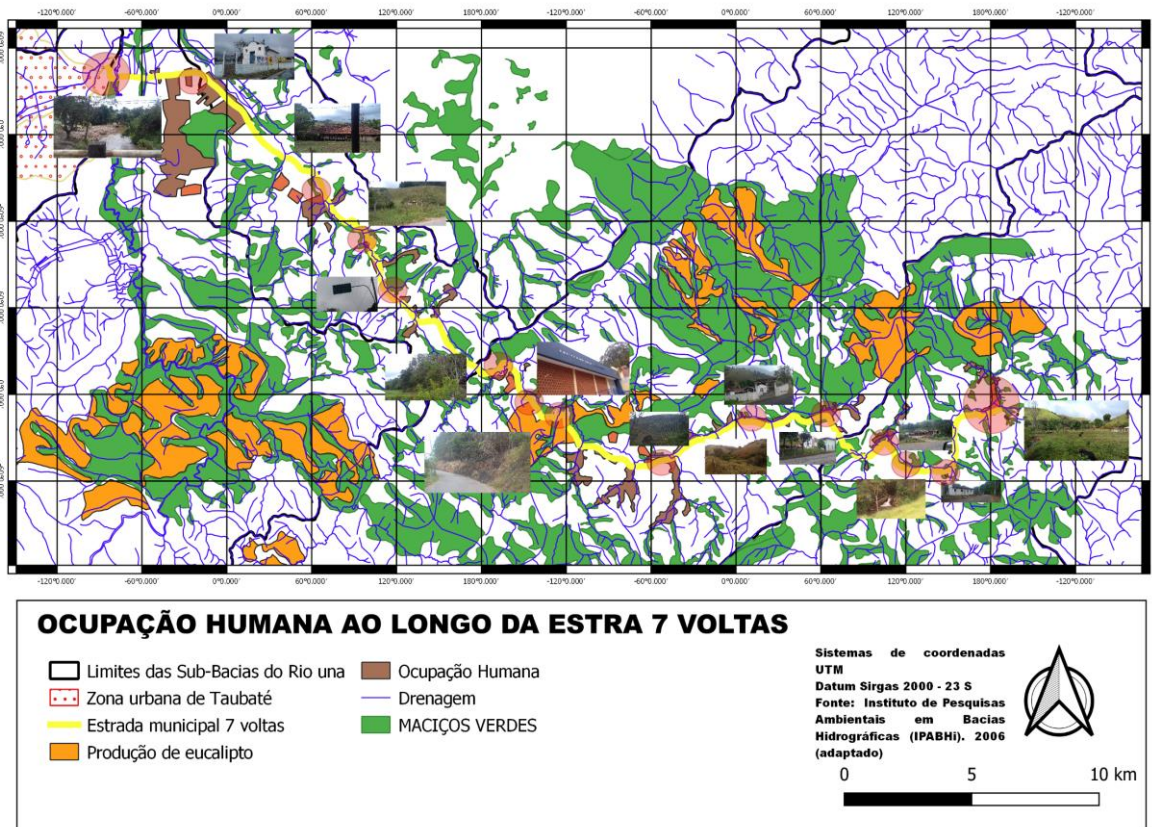
“A importância dessa bacia no contexto da bacia do rio Paraíba do Sul foi analisada no Plano das Bacias Hidrográficas da Serra da Mantiqueira e do Paraíba do Sul. No Plano foi estabelecida uma ordem de priorização das bacias afluentes do Paraíba do Sul, utilizando como critérios o uso da água para abastecimento público, a taxa de urbanização da bacia, a existência de conflito pelo uso da água e do número de usos múltiplos da bacia. A bacia do Una foi classificada em quarto lugar.” (RELATÓRIO TÉCNICO DA BACIA DO RIO UNA, BACIA DO RIO PARAÍBA DO SUL, 2006, p. 6).

De acordo com os levantamentos realizados no perímetro da bacia do Uma, pode-se constatar que os principais problemas que afetam esse sistema hídrico é de caráter conservacionista, principalmente o despejo inadequado de esgoto nos corpos d’água.

Figura 11: Localização estrada 7 voltas.



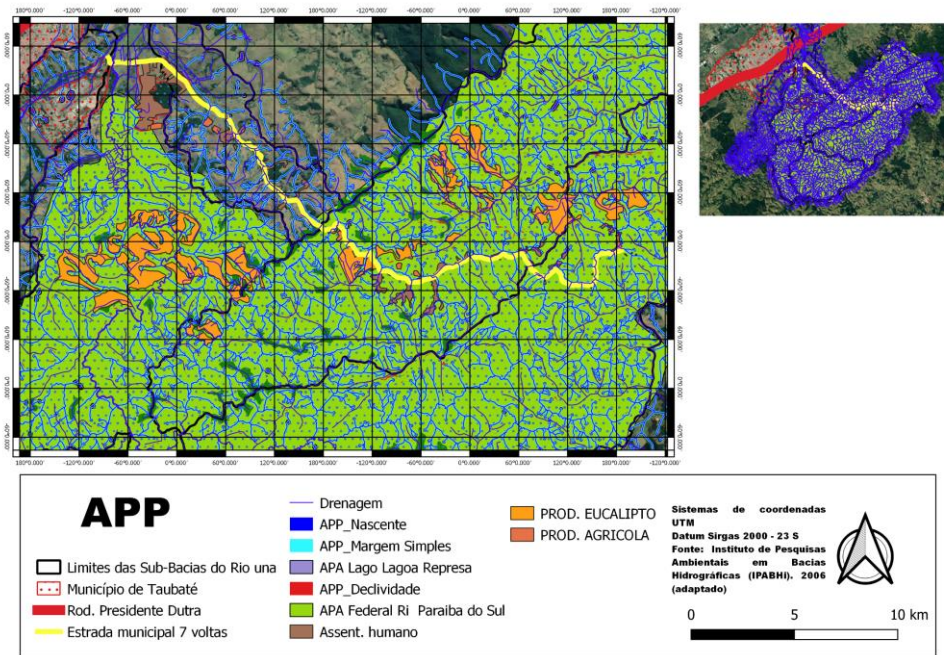
Figura 12: Levantamento fotográfico



Produzido pelo autor

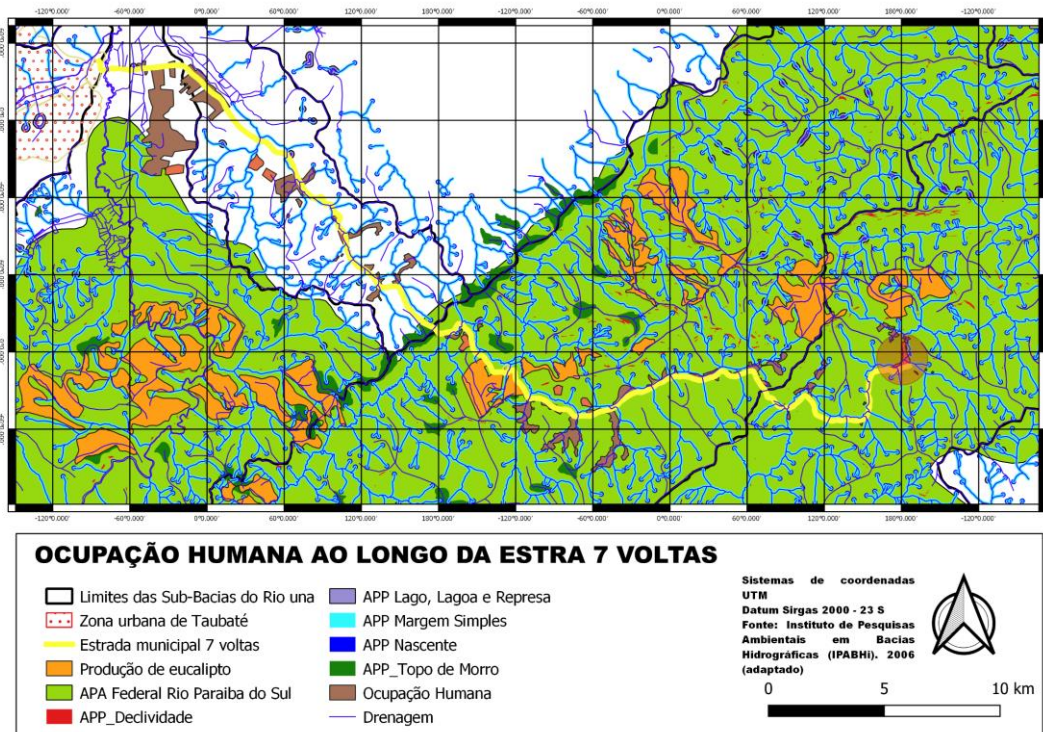
Foram identificadas as Áreas de Proteção Ambiental (APA) por meio de levantamento em órgão federal (IBAMA), estadual (SMA) e municipal, do qual verificou-se que existe somente duas áreas de preservação ambiental dentro da bacia do Rio Una: a) APA Federal 057 da Bacia do Rio Paraíba do Sul e b) APA Municipal Vila Industrial da Bacia do Rio Una

Figura 12: Levantamento de APP



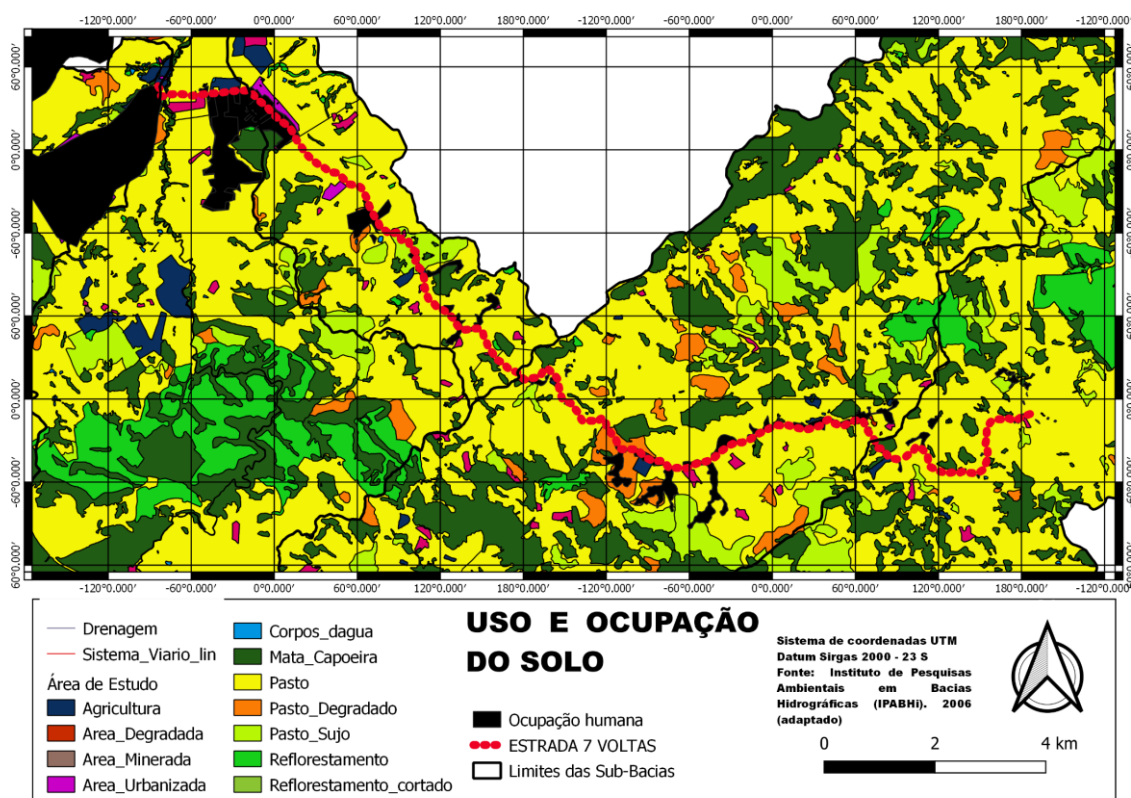
Produzido pelo autor

Figura 13: Levantamento de Ocupação I



Produzido pelo autor

Figura 14: Levantamento de uso e ocupação do solo



Produzido pelo autor

Agricultura – áreas que apresentaram a cobertura do solo com uso agrícola, culturas anuais ou perenes.

Área degradada – áreas que sofreram degradação pelo mau uso e ou ocorrência de acidentes naturais, condicionando áreas de severa degradação ambiental, (voçorocas, deslizamentos e desmoronamentos).

Área Minerada – áreas ocupadas por atividades minerárias ou obras de engenharia que resultam na remoção da vegetação e do solo locais, (pedreiras, jazidas, portos de areia etc...).

Área Urbanizada – áreas de ocupação predominantemente urbana, apresentando os principais aparelhos de caracterização de áreas urbanas descritos no Art. 2º Inciso XIII Alínea “b” itens 01 a 06 da Resolução CONAMA 303 de 20 de março de 2002.

Corpos d’Água – lagos, lagoas ou rios cuja lâmina d’água seja delineável na escala de mapeamento.

Mata ou Capoeira – áreas de vegetação natural primária, pioneira ou secundária em estágio inicial, médio ou avançado de regeneração.

Pasto – áreas ocupadas por pastagens naturais ou implantadas.

Pasto degradado – áreas ocupadas por pastagens naturais ou implantadas apresentando expressivo quadro de erosão laminar.

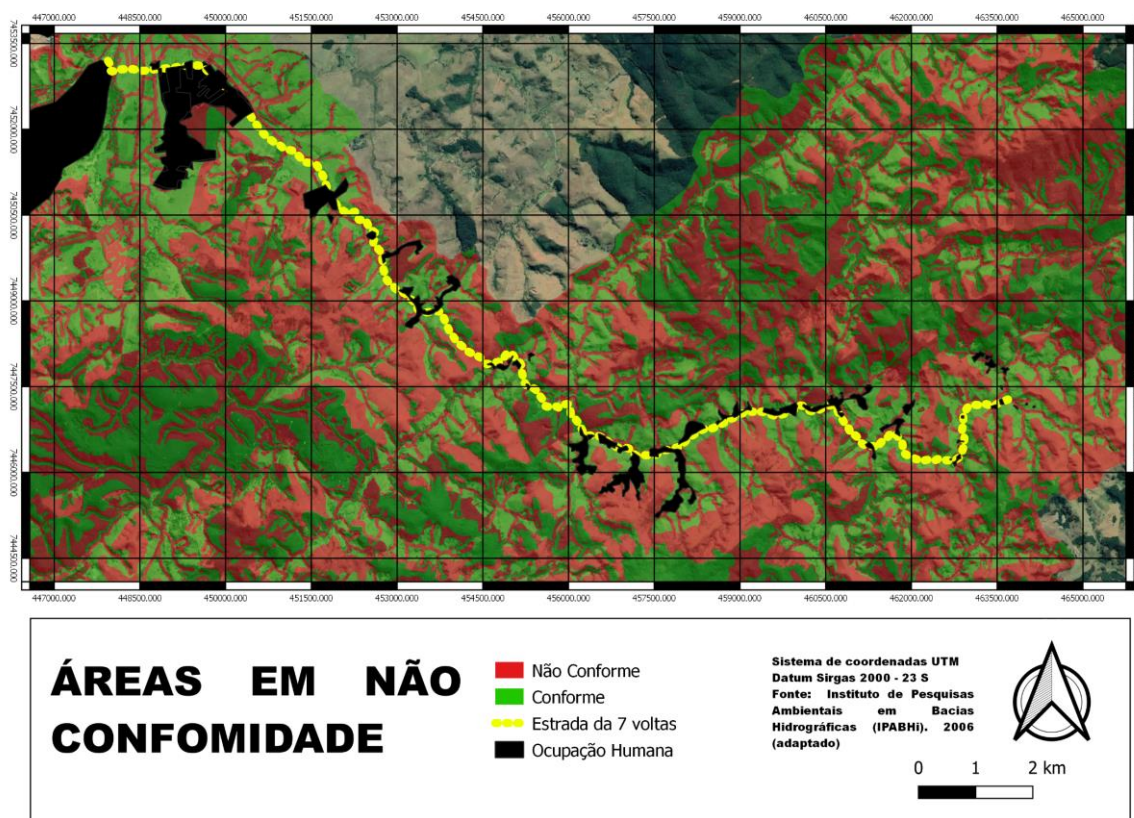
Pasto sujo – áreas ocupadas por pastagens naturais ou implantadas apresentando quadro de abandono na utilização e manutenção, apresenta ainda regeneração da vegetação nativa em estágio inicial, com predominância de arbustos e árvores espaçadas.

Reflorestamento – áreas ocupadas por reflorestamentos com *Eucaliptus sp.*, *Pinus sp.* ou outras espécies exóticas.

Reflorestamento cortado – áreas ocupadas por reflorestamentos com *Eucaliptus sp.*, *Pinus sp.* ou outras espécies exóticas, que se apresentam em época de corte raso pela extração de madeira.

Solo Exposto – áreas sem cobertura vegetal ocasionadas por preparo de solo, (aração e ou gradagem), destinado ao uso agrícola.

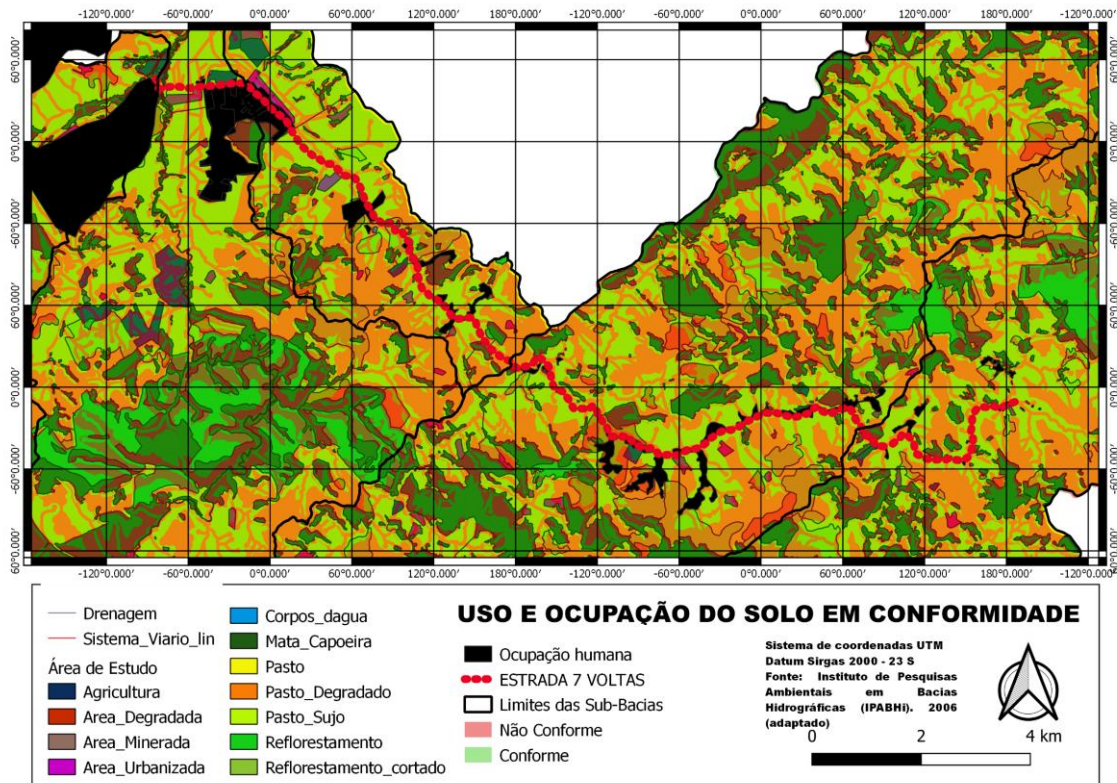
Figura 15: Levantamento de áreas em conformidade com o plano diretor do município A partir da comparação



Produzido pelo autor

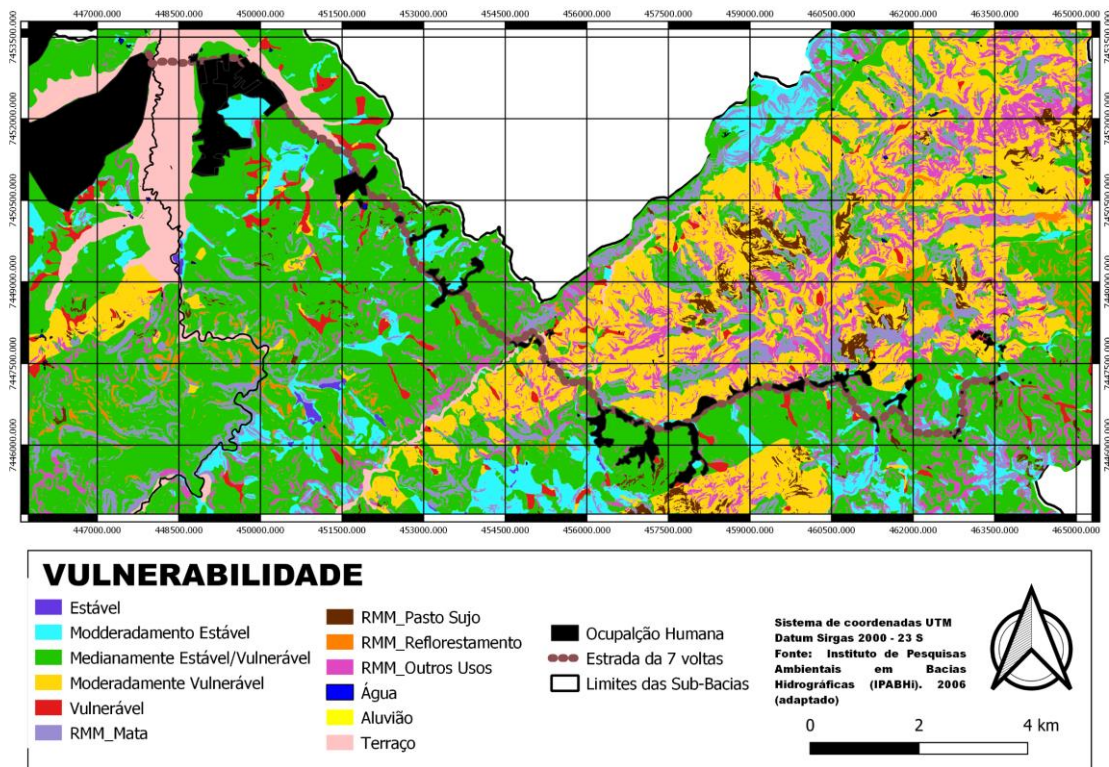
A partir da comparação entre os mapas de APP e de Uso da Terra, foi gerado o *Mapa de Não Conformidade*, do qual foi observado que 52,9% da área está dentro dos padrões de uso esperado para a área da Bacia do Rio Una, enquanto que 47,1% usam irregularmente as áreas de preservação permanente.

Figura 16: Sobreposição de uso do solo e áreas em conformidade.



Produzido pelo autor

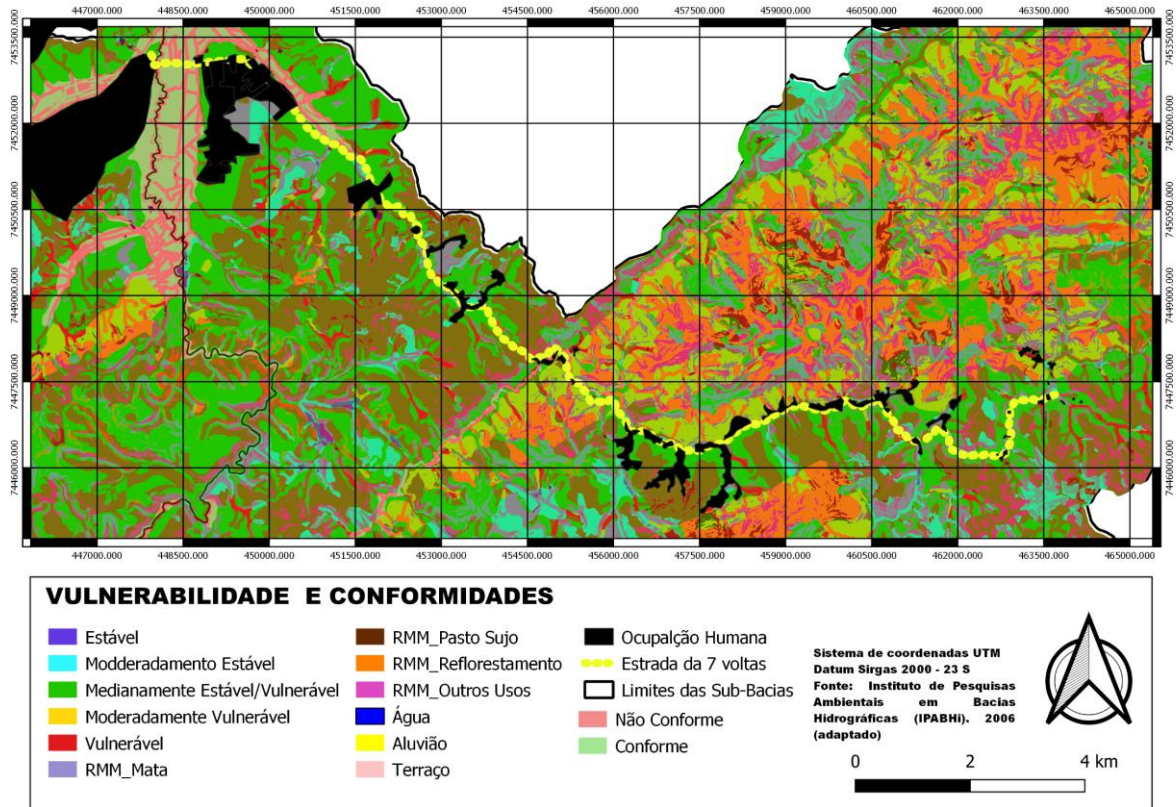
Figura 17: Levantamento de Vulnerabilidades físicas



Produzido pelo autor

Quadro real da situação morfodinâmica da unidade, de maneira a caracterizar sua constituição física, química e fitoecológica para a época da ortofoto utilizada

Figura 18: Sobreposição de Vulnerabilidades e áreas em conformidades

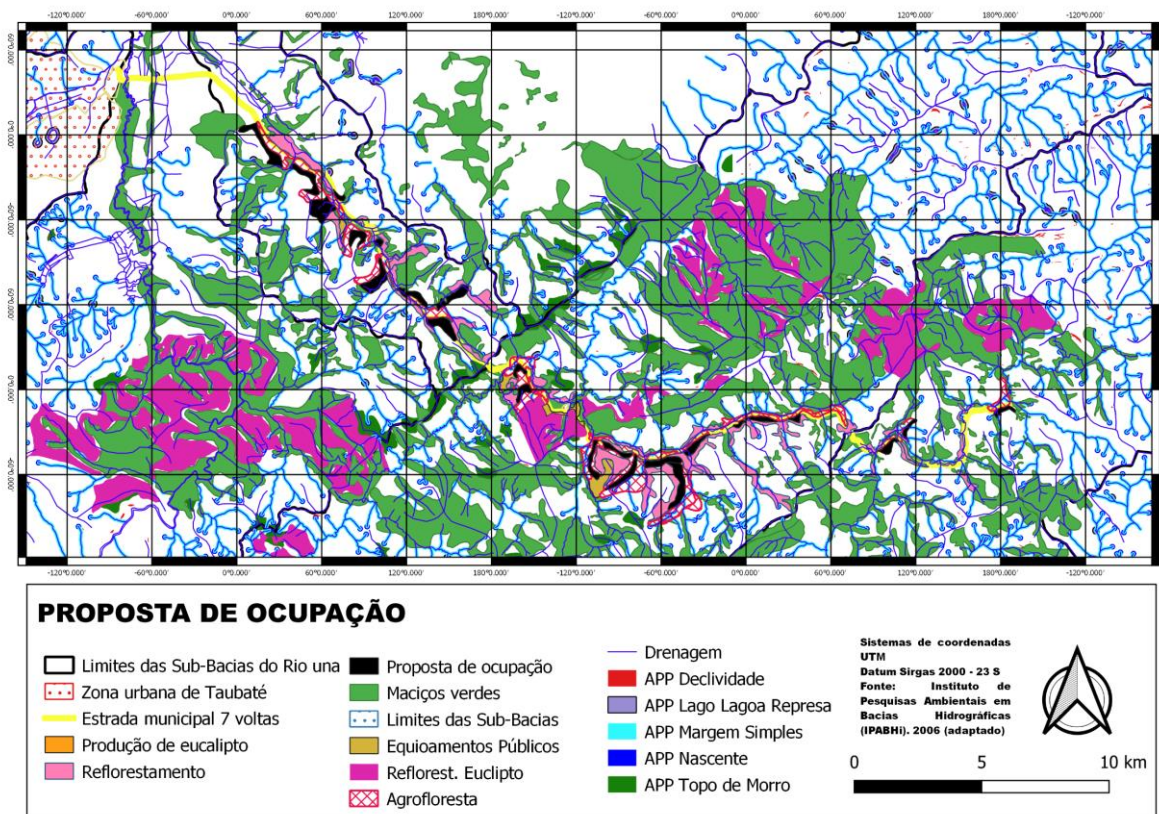


Produzido pelo autor

6 DIRETRIZES

Após as análises feitas sob os matérias da base de dados do Rio una foram elaboradas algumas diretrizes para adequação das área irregulares através da implementação de uma estrada parque que permita levar um ramal de infraestrutura viária adequada e segura para a região com o intuito de fomentar e propagar a exploração do agroturismo como incentivador da manutenção ecológica por parte dos próprios cablocos.

Figura 19: Proposta de adequação do assentamento Humano na estra 7 voltas



Produzido pelo autor

Á proposta consiste na readequação dos módulos rurais para a região, respeitando as ocupações existentes porem subdivido o lote em 1/3 do lote é referente a APP das margens quando os lotes possuírem corpos d'água, 1/3 destinada á uma párea produção agrícola dando preferência a implantação do método de plantio selvagem. 1/3 destinada para ocupação humana, como residências, comercio entre outros equipamentos.

Figura 20: Modulo rural tipo I

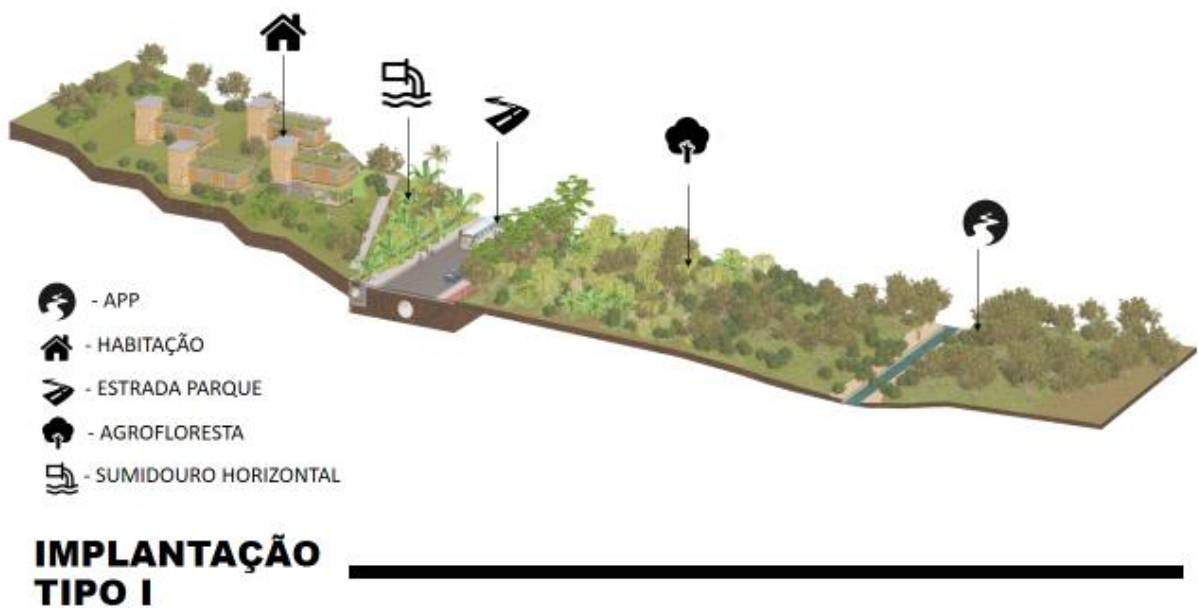


IMPLANTAÇÃO TIPO I



Produzido pelo autor

Figura 21: Modulo rural tipo I



Produzido pelo autor

Figura 22: Custo Modulo rural tipo I

CUSTO

(NBR 12.721:2006 - CUB 2006)
CUB/m³ dados de Maio/2021, para ser usado em Junho/2021

PROJETOS - PADRÃO GALPÃO INDUSTRIAL (GI) E RESIDÊNCIA POPULAR (RP1Q)

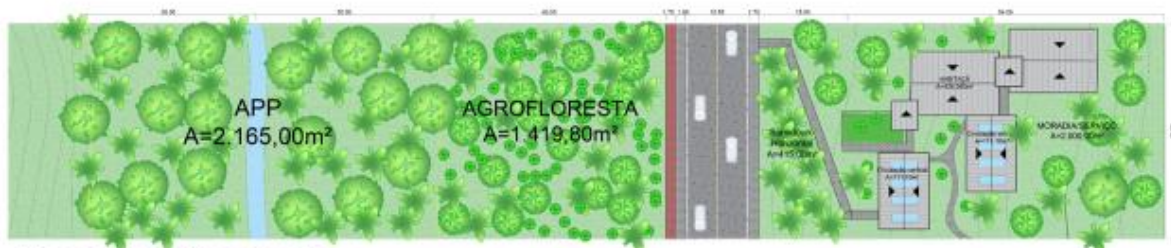
RP1Q	2.184,80	2,15%
GI	1.145,47	1,87%

HABITAÇÃO (UNIDADE)	CUB m ²	VALOR POR UNIADE
75,00 m ²	R\$ 2.184,80/m ²	R\$ 163.860,00
VALOR MEDIO DA TERRA (R\$/m ²)	VALOR DO LOTE PARA IMPLANTAÇÃO (HABITAÇÃO)	
3,18	R\$ 6.360,00	
VALOR MEDIO DA TERRA (R\$/m ²)	VALOR DO LOTE PARA IMPLANTAÇÃO (AGROFLORESTA)	
3,18	R\$ 4.515,60	
VALOR TOTAL		
R\$ 174.735,60		

IMPLANTAÇÃO TIPO I

Produzido pelo autor

Figura 23: Modulo rural tipo II



IMPLANTAÇÃO TIPO II



Produzido pelo autor

Figura 24: Modulo rural tipo II



Produzido pelo Autor

Figura 24: Custo Modulo rural tipo II

CUSTO

(NBR 12.721:2006 - CUB 2006)
CUB/m³ dados de Maio/2021, para ser usado em Junho/2021

PROJETOS - PADRÃO GALPÃO INDUSTRIAL (GI) E RESIDÊNCIA POPULAR (RP1Q)

RP1Q	2.184,80	2,15%
GI	1.145,47	1,87%

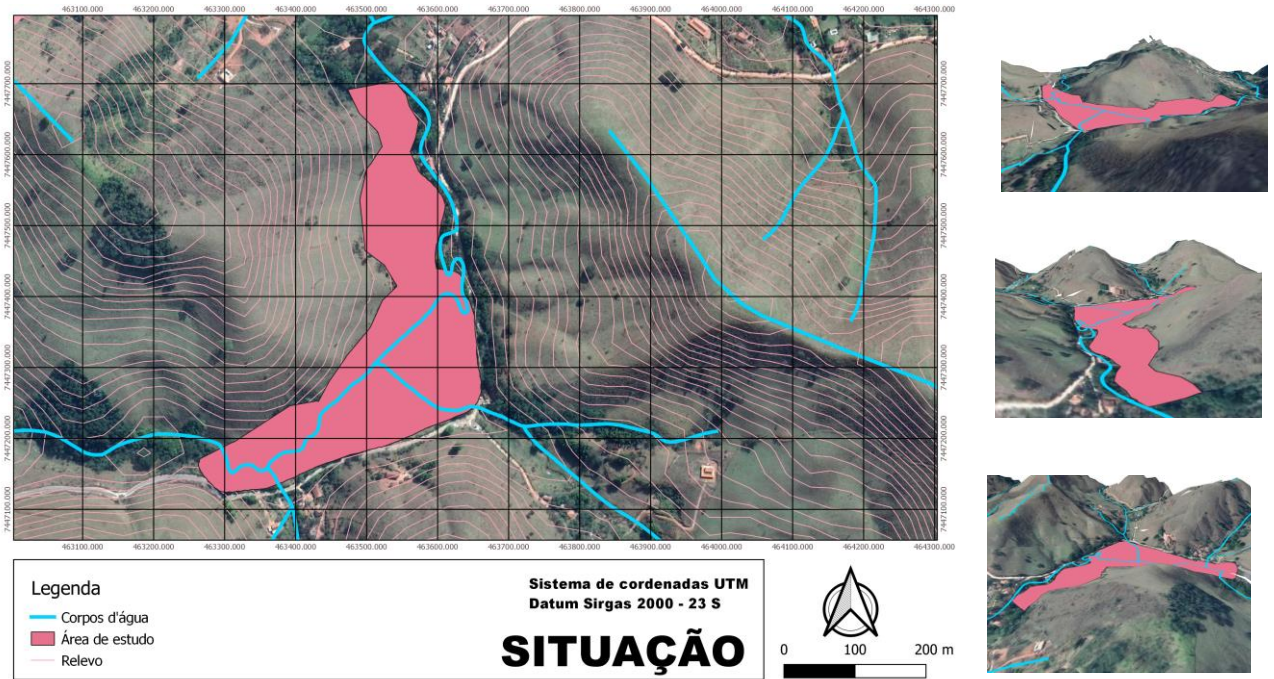
HABITAÇÃO (TIPO I)	CUB m ³	VALOR POR UNIADE
75,00 m ² (RP1Q)	R\$ 2.184,80/m ³	R\$ 163.860,00
HABITAÇÃO (TIPO II)	CUB m ³	VALOR POR UNIADE
150,00 m ² (GI)	R\$ 1.145,47/m ³	R\$ 171.820,50
VALOR MEDIO DA TERRA (R\$/m ²)	VALOR DO LOTE PARA IMPLANTAÇÃO (HABITAÇÃO)	
3,18	R\$ 6.360,00	
VALOR MEDIO DA TERRA (R\$/m ²)	VALOR DO LOTE PARA IMPLANTAÇÃO (AGROFLORESTA)	
3,18	R\$ 4.515,60	
VALOR TOTAL		
R\$ 346.556,1		

IMPLANTAÇÃO TIPO I

Produzido pelo Autor

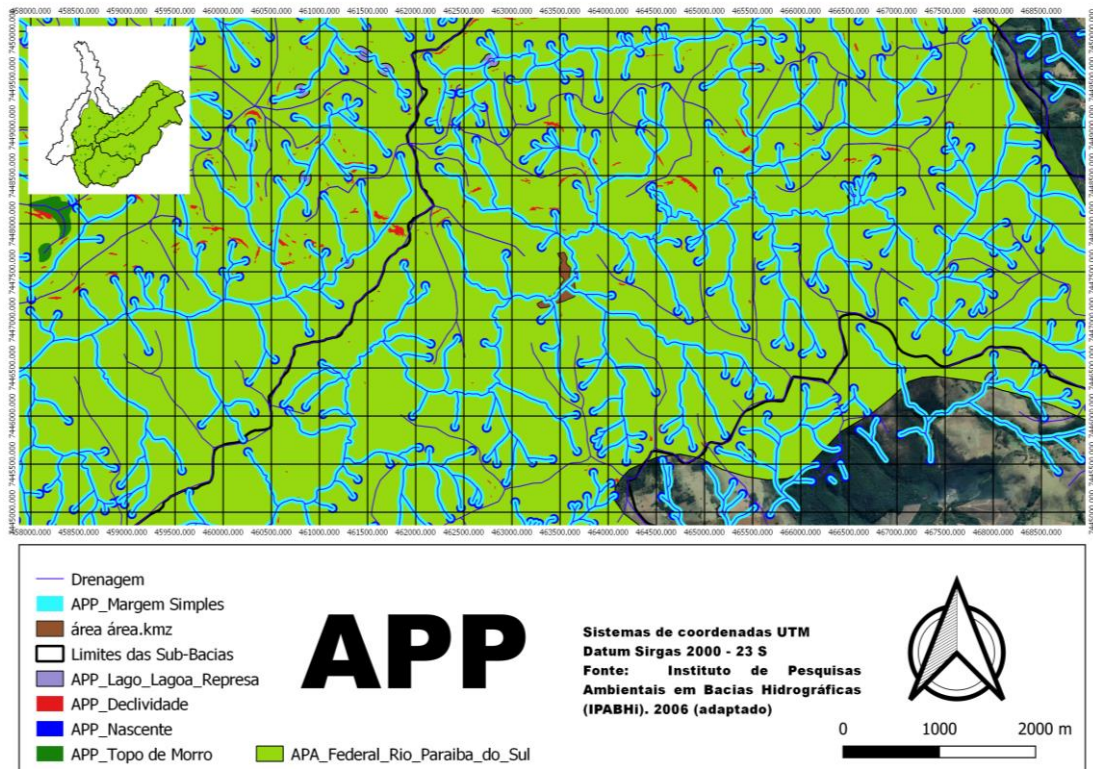
7 ESTUDO PRELIMINAR

Figura 25: Área de estudo, Pedra Grande, Taubaté-SP



Fonte: Acervo do Autor

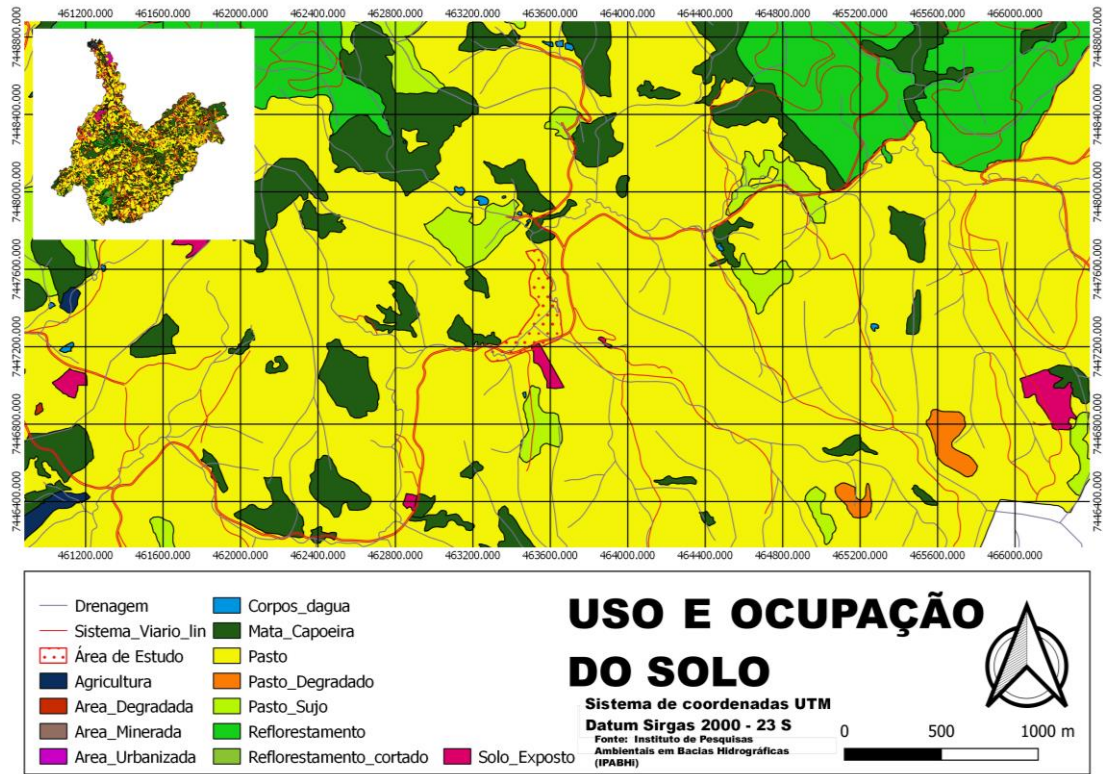
Figura 26: Áreas de proteção permanente, Pedra Grande, Taubaté-SP



Fonte:

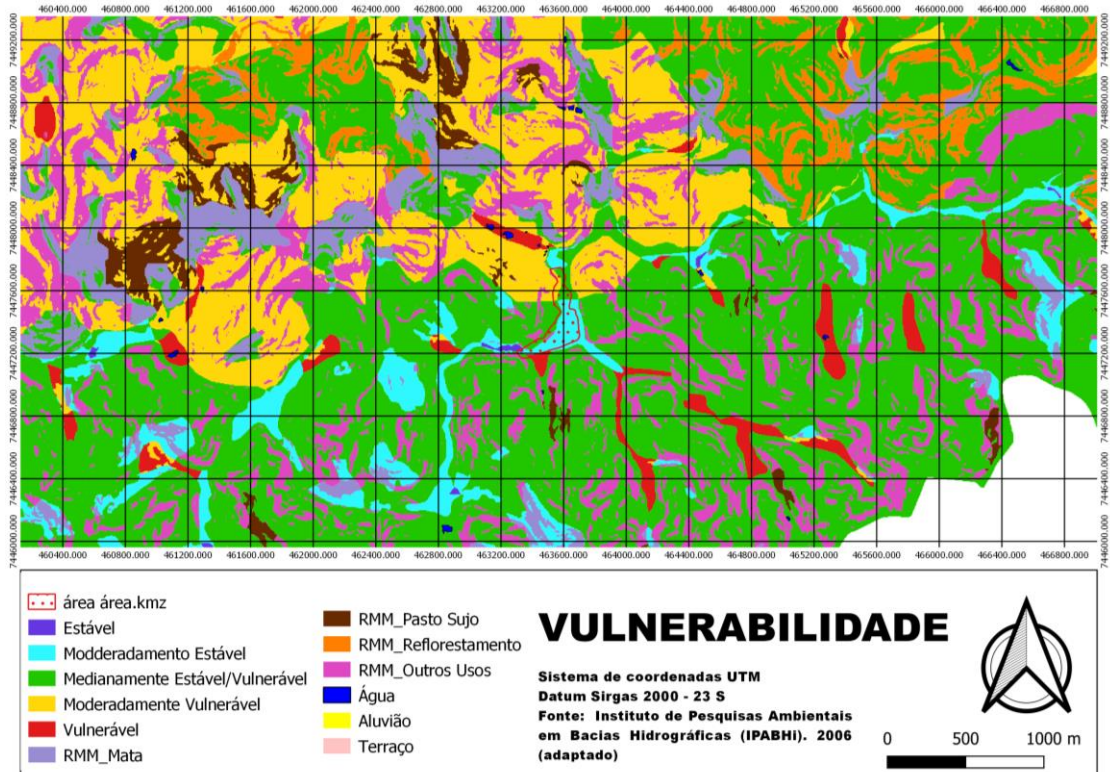
Acervo do Autor

Figura 27: Uso e ocupação do solo, Pedra Grande, Taubaté-SP



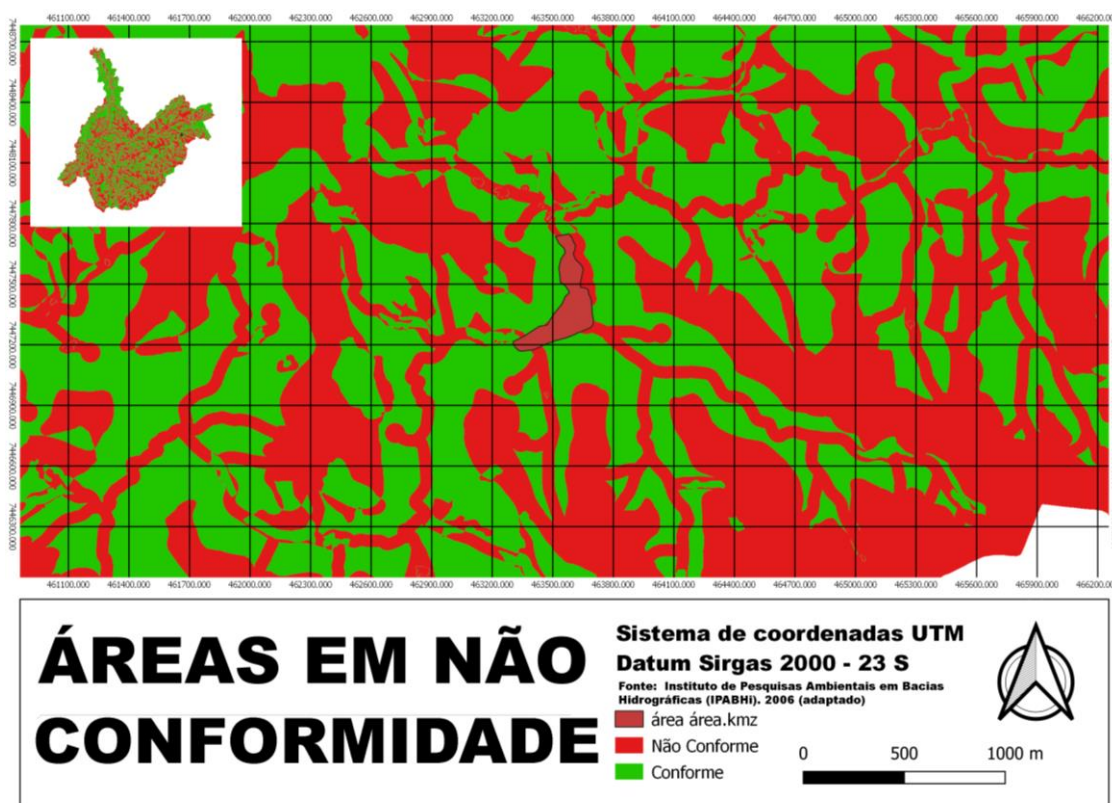
Fonte: Acervo do Autor

Figura 28: Vulnerabilidade, Pedra Grande, Taubaté-SP



Fonte: Acervo do Autor

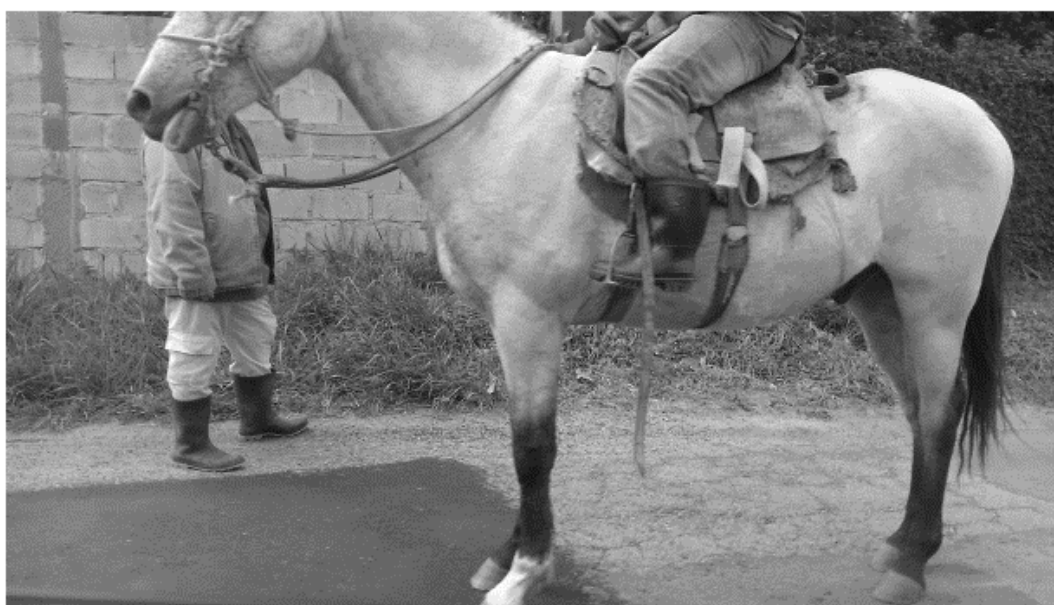
Figura 29: Áreas em não conformidade, Pedra Grande, Taubaté-SP



Fonte: Acervo do Autor

7.1 LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO

Figura 30: Deslocamentos



DESLOCAMENTOS

Fonte: Acervo do Autor

Do meio urbano até a Pedra Grande, o percurso de carro é feito em 49 minutos e de bicicleta em 2 horas com uma variação de 185m de nível.

O equipamento de saúde mais próximo se encontra a 24km de distância, o percurso de carro é feito em 39 minutos, 1 hora e 39 minutos de bicicleta e 5 horas e 7 minutos de caminhada

Os deslocamentos até a escola que atente essa zona rural são feitos em 46 min a pé e 2 horas e 17 min de bicicleta uma distância de 10,5 km.

CAMINHO



A viagem se inicia onde o corpo do rio encontra efetivamente a macha urbana maciça do município de Taubaté. Seguindo 24 km a dentro da APA do rio Paraíba do Sul, especificamente na bacia do rio Una localizada na zona rural popularmente conhecida como estrada das Sete Voltas com destino a Pedra Grande, trajeto também pode ser feito por linha de ônibus Mato Dentro. Os registros expõe os diversos usos da área de várzea do rio Una.

Fonte: Acervo do Autor

Figura 31: deslocamentos na bacia do rio Una - I.



Fonte: Acervo do Autor

Figura 32: deslocamentos na bacia do rio Una - II



Fonte: Acervo do Autor

Figura 32: deslocamentos na bacia do rio Una - III



Fonte: Acervo do Autor

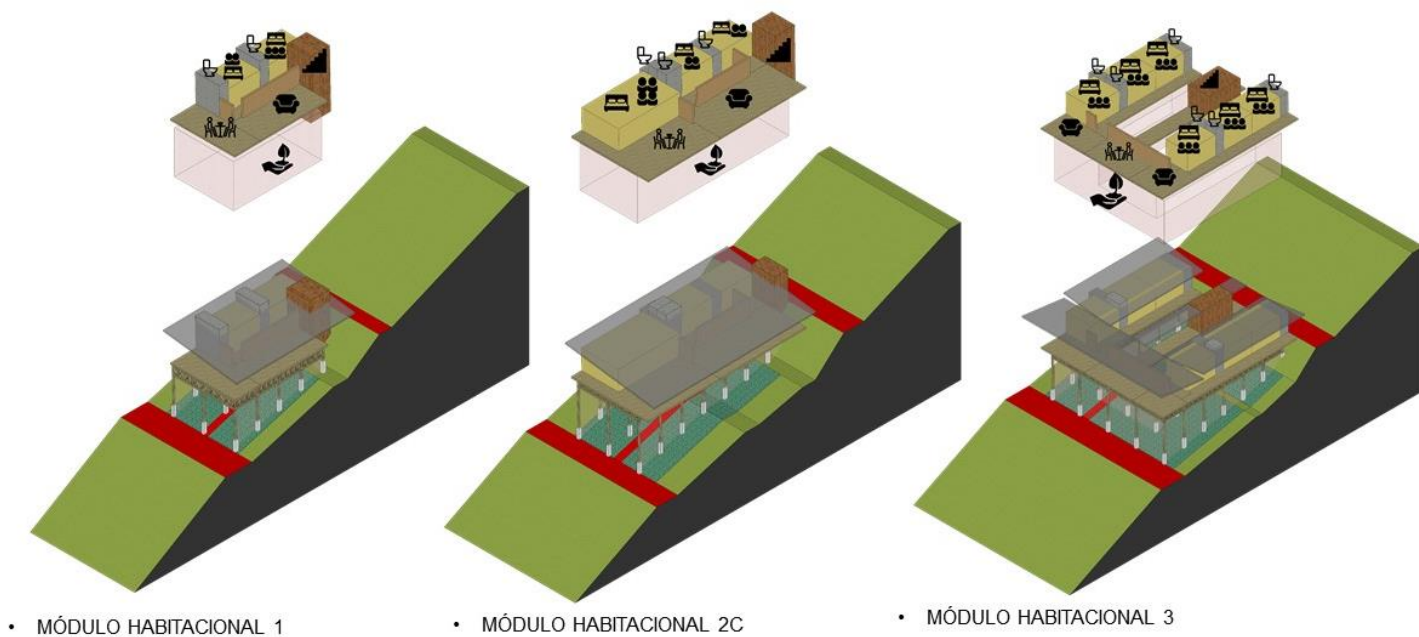
7.2 O PROJETO

O projeto de comunidade agrícola na bacia do rio Una, tem com objeto a experimentação estrutural para um assentamento. Onde os participantes da comunidade tenham controle sob o meio de produção, no caso a plantação e ao corpo d'água. O projeto tem a pretensão de atender todas as castas, aos diversos usos, como moradia, hospedagem, visitação. A organização de blocos residenciais com diferentes resoluções programáticas corrobora para que diferentes situações possam se acomodar no ambiente.

Os módulos são divididos em 3 categorias, unifamiliar (módulo 1) com capacidade para até 5 pessoas, unifamiliar com hospedagem (módulo 2) com capacidade para 5 moradores e 4 visitantes e o módulo habitacional 3 pode ser utilizado como moradia compartilhada ou como hospedagem, possuindo capacidade para até 18 pessoas. Todos os módulos são equipados com dormitórios, banho, convivência (sala e cozinha) e estufa localizada abaixo da casa como forma de aproveitar o espaço do aclave e a insolação.

No programa apresentado, o coração da unidade habitacional gira em torno das áreas comuns (o estar e a cozinha), onde se pode disfrutar da paisagem, observar o que acontece nos limites visíveis da redondeza onde se situa a comunidade

Figura 34: Unidades habitacionais propostas



Fonte: Acervo do Autor

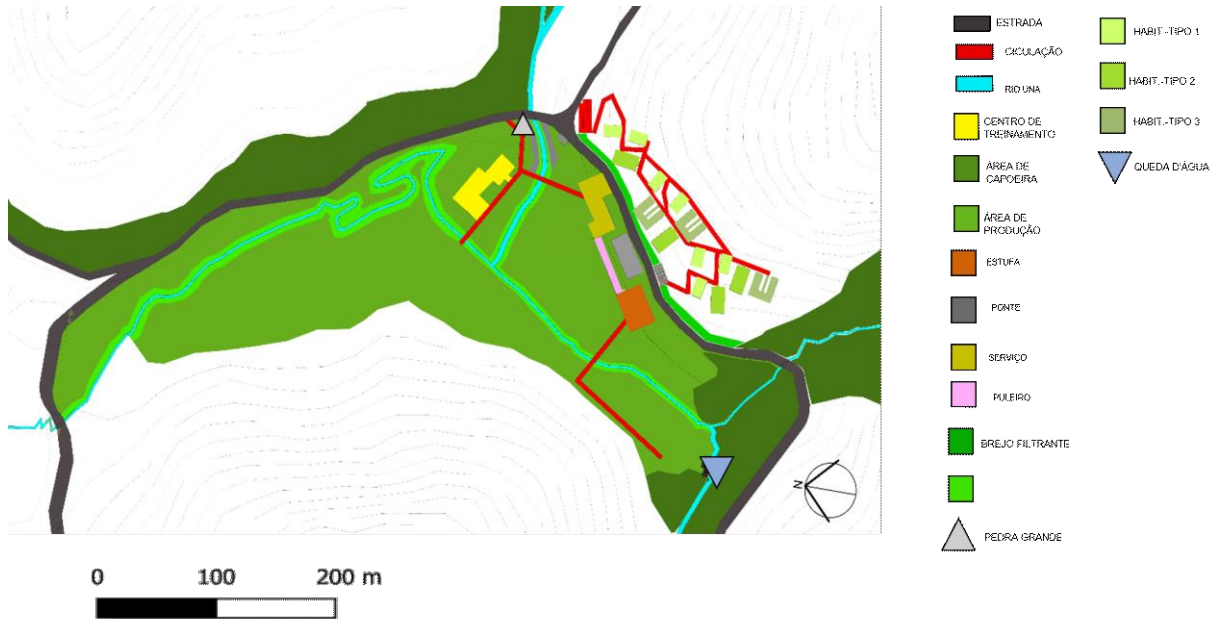
7.3 A IMPLANTAÇÃO

Figura 35: Implantação



Fonte: Acervo do Autor

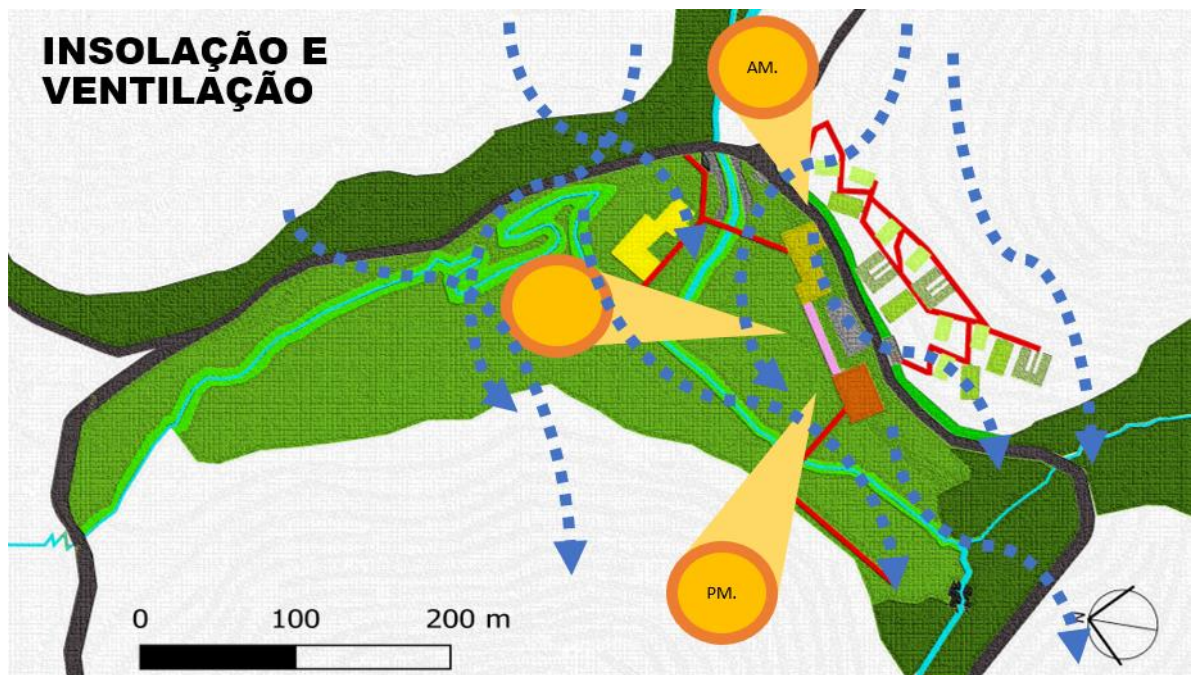
Figura 36: Setorização



Fonte: Acervo do Autor

A distribuição do setor residencial do conjunto na encosta do morro possibilita o aproveitamento do sol por igual, sem que se crie manchas de sombra que impeçam as demais edificações de aproveitarem a luz solar.

Figura 37: Ventilação e Iluminação

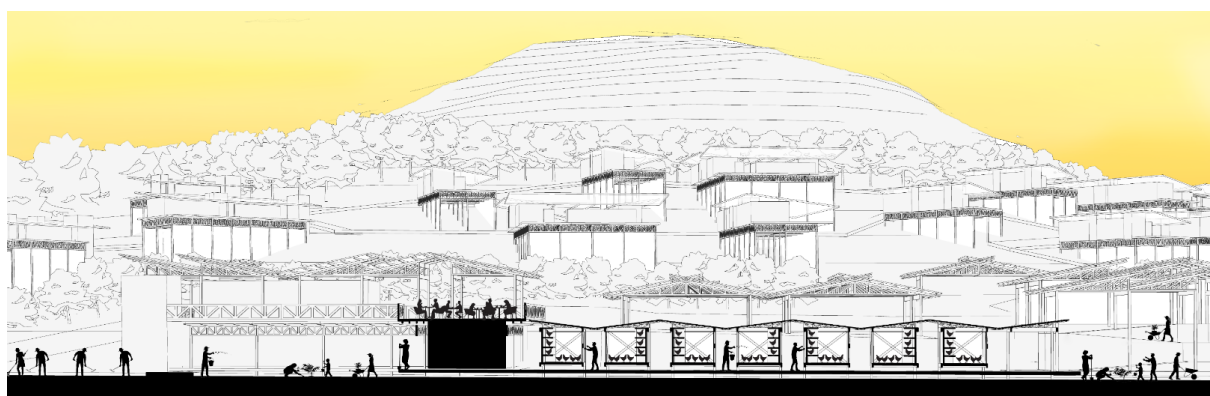


Fonte: Acervo do Autor

Os altos pilotis permitem que a residência sombreie a área de circulação e ao mesmo tempo permite que um pouco de luz solar entre na estufa que fica sob a casa. Também se espera que a reflexão da luz nas folhagens da plantação gere um efeito visual interessante que possa ser visto das residências.

O que motivou a escolha da encosta para a locação do setor residencial foi, primeiramente a orientação solar, seguida da possibilidade de estabelecer uma relação de domínio comum da região por quem a habita ou visita. Os módulos no alto permitem que a vigilância comunitária sob os bens de interesse comum que servem o conjunto, como o refeitório, a área de produção agrícola, a escola e o rio.

Figura 38: Corte esquemático na área de produção



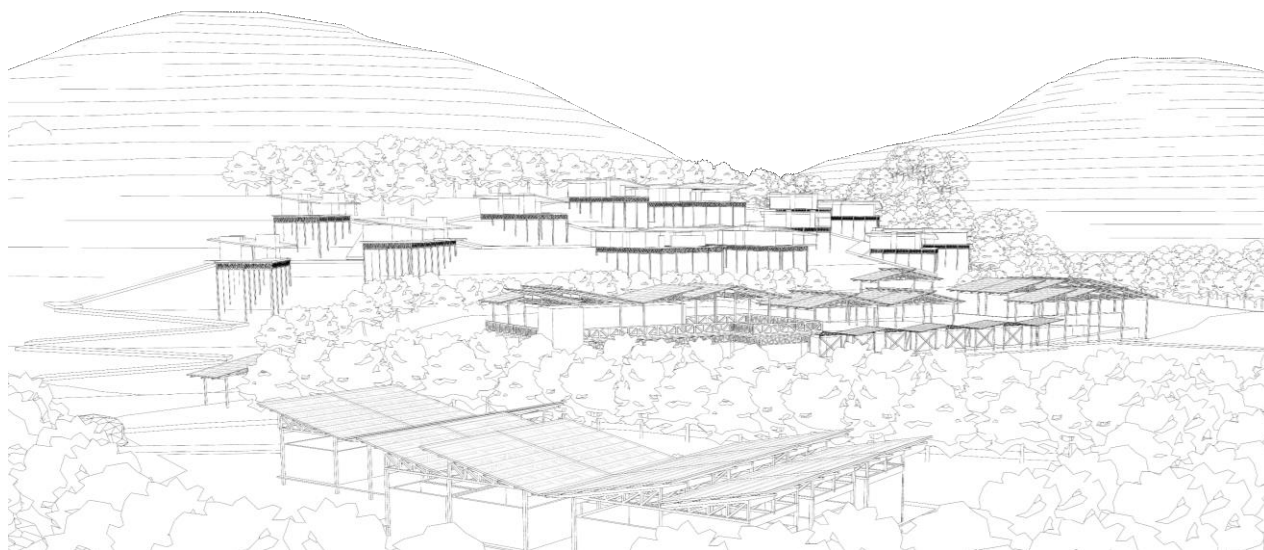
Fonte: Acervo do Autor

Figura 39: Corte esquemático na área de habitação



Fonte: Acervo do Auto

Figura 40: Perspectiva



Fonte: Acervo do Autor

7.4 O ELEMENTO ESTRUTURAL

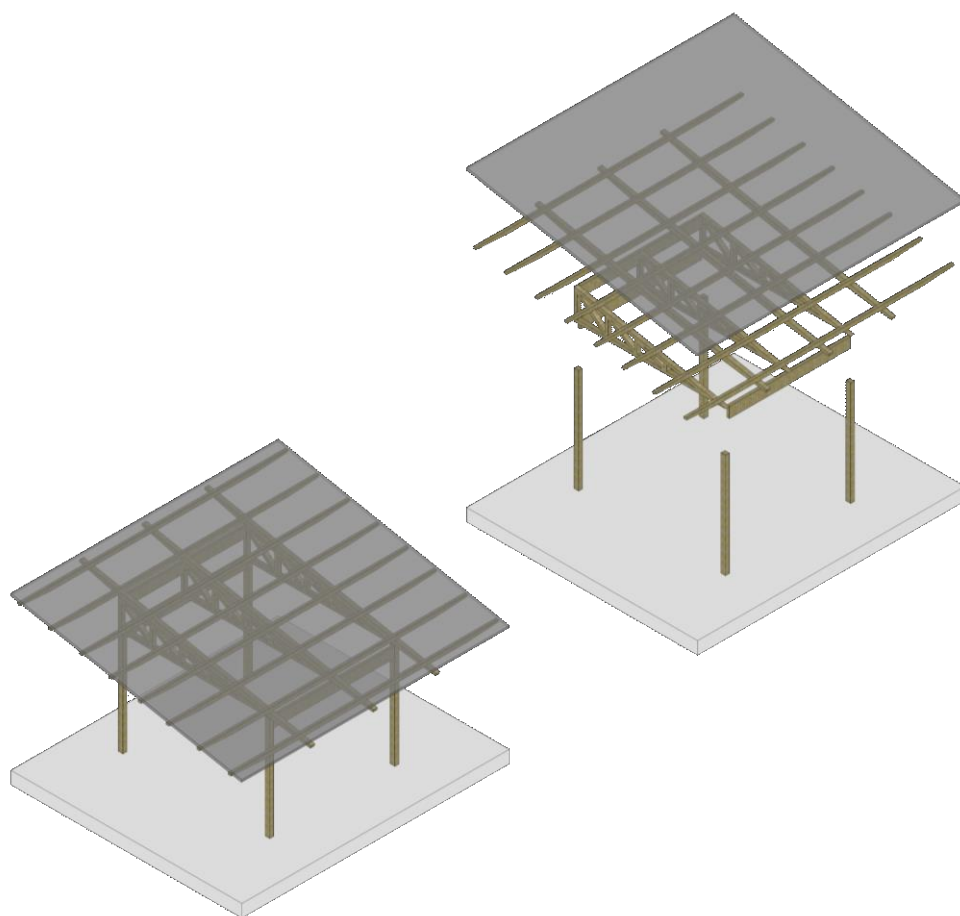
Com as constatações realizadas nos levantamentos presentes no Relatório técnico da Bacia do Rio Una, é possível identificar grandes áreas de produção destinadas a produção de eucalipto. Tendo em vista a possibilidade de reabilitar as zonas afetadas com o plantio do eucalipto a solução estrutural em madeira de eucalipto possibilita a desocupação da área para o reflorestamento e recuperação do solo e sem a perda do material já presente no local.

Para a concepção inicial da proposta foi idealizado uma serie de módulos compostos por elementos de cobertura, base, e fechamentos que possibilitam inúmeras resoluções formais e viabiliza a a produção em massa.

7.5 A COBERTURAS

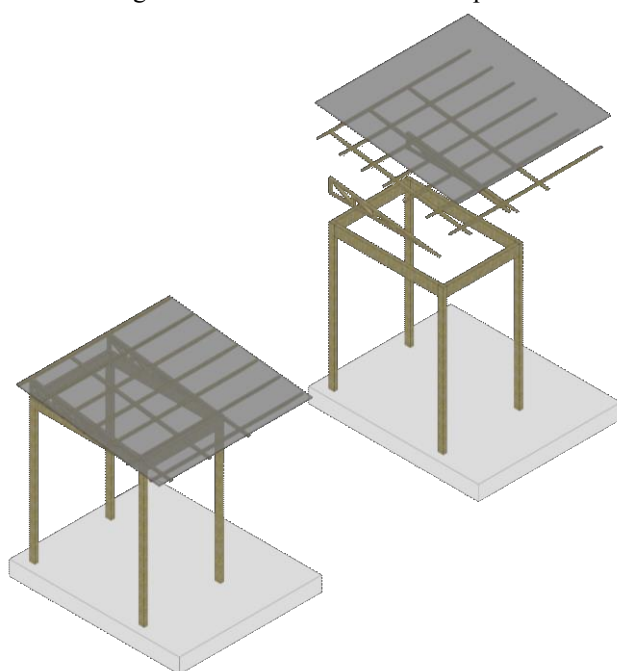
As Coberturas são constituídas de telhados estruturas em eucalipto laminado colado, com tesouras de 1 e 2 águas, podem ser utilizadas nos blocos residenciais, como nas áreas institucionais como para proteção dos acessos.

Figura 41: Módulo de cobertura tipo I



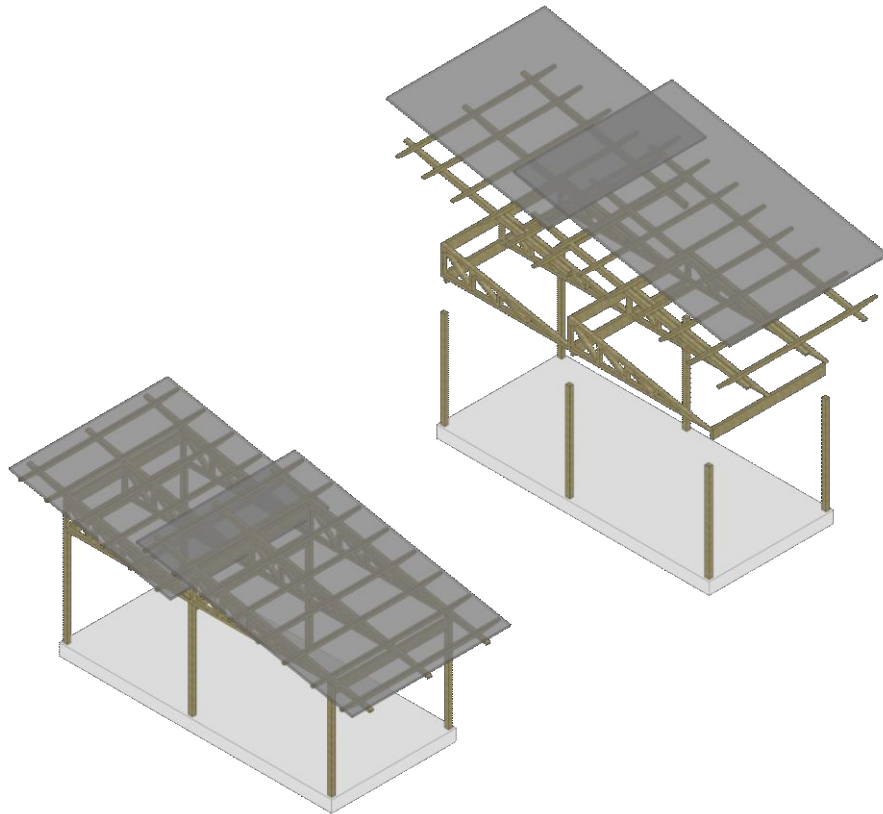
Fonte: Acervo do Autor

Figura 42: Módulo de cobertura tipo II



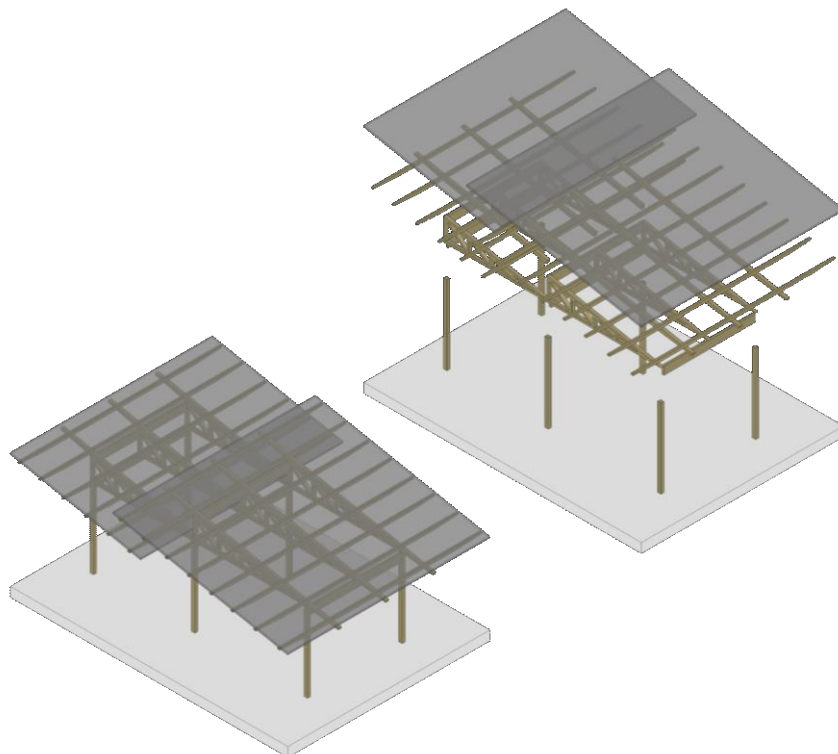
Fonte: Acervo do Autor

Figura 44: Módulo de cobertura tipo III



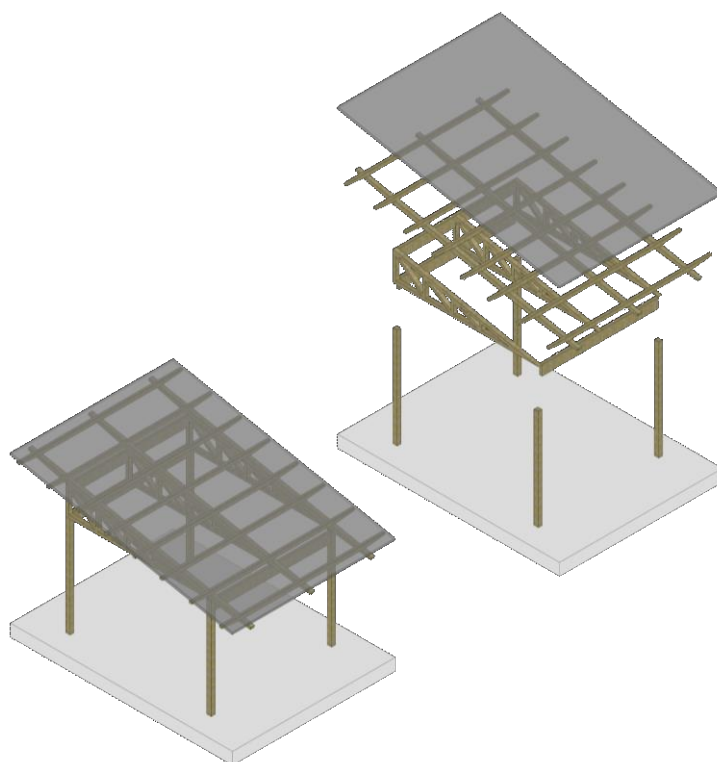
Fonte: Acervo do Autor

Figura 45: Módulo de cobertura tipo III – A



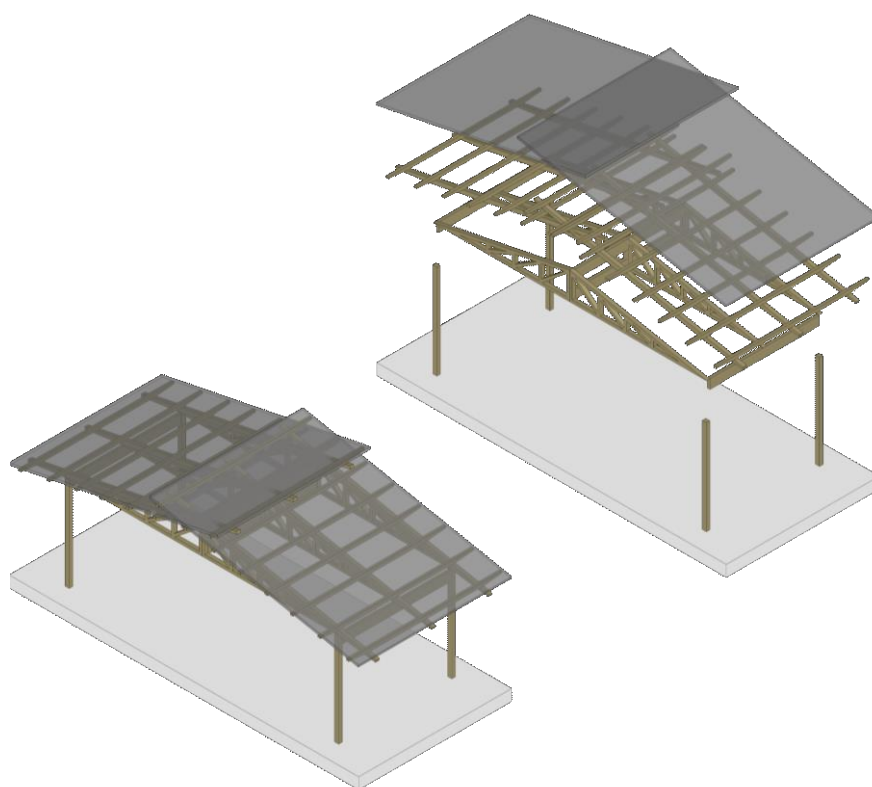
Fonte: Acervo do Autor

Figura 46: Módulo de cobertura tipo IV



Fonte: Acervo do Autor

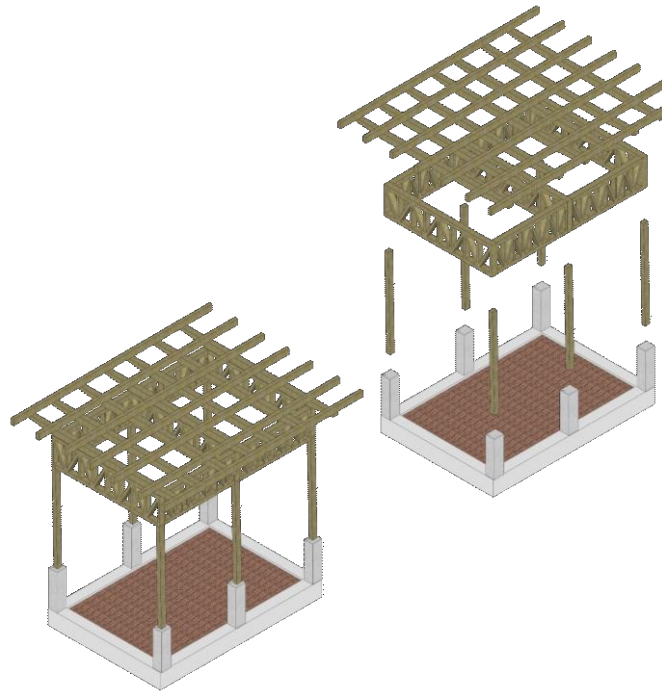
Figura 47: Módulo de cobertura tipo V



Fonte: Acervo do Autor

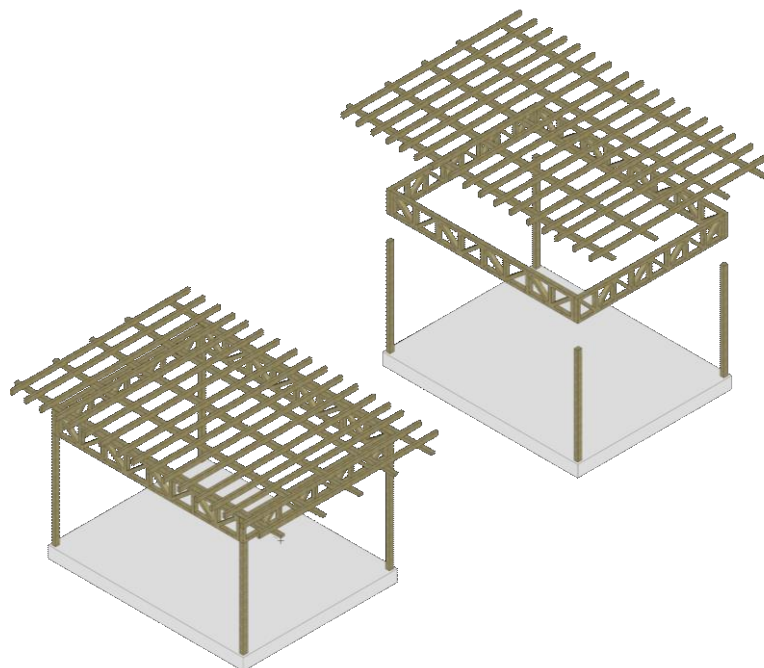
7.6 BASES

Figura 48: Módulo de base tipo I



Fonte: Acervo do Autor

Figura 49: Módulo de base tipo II

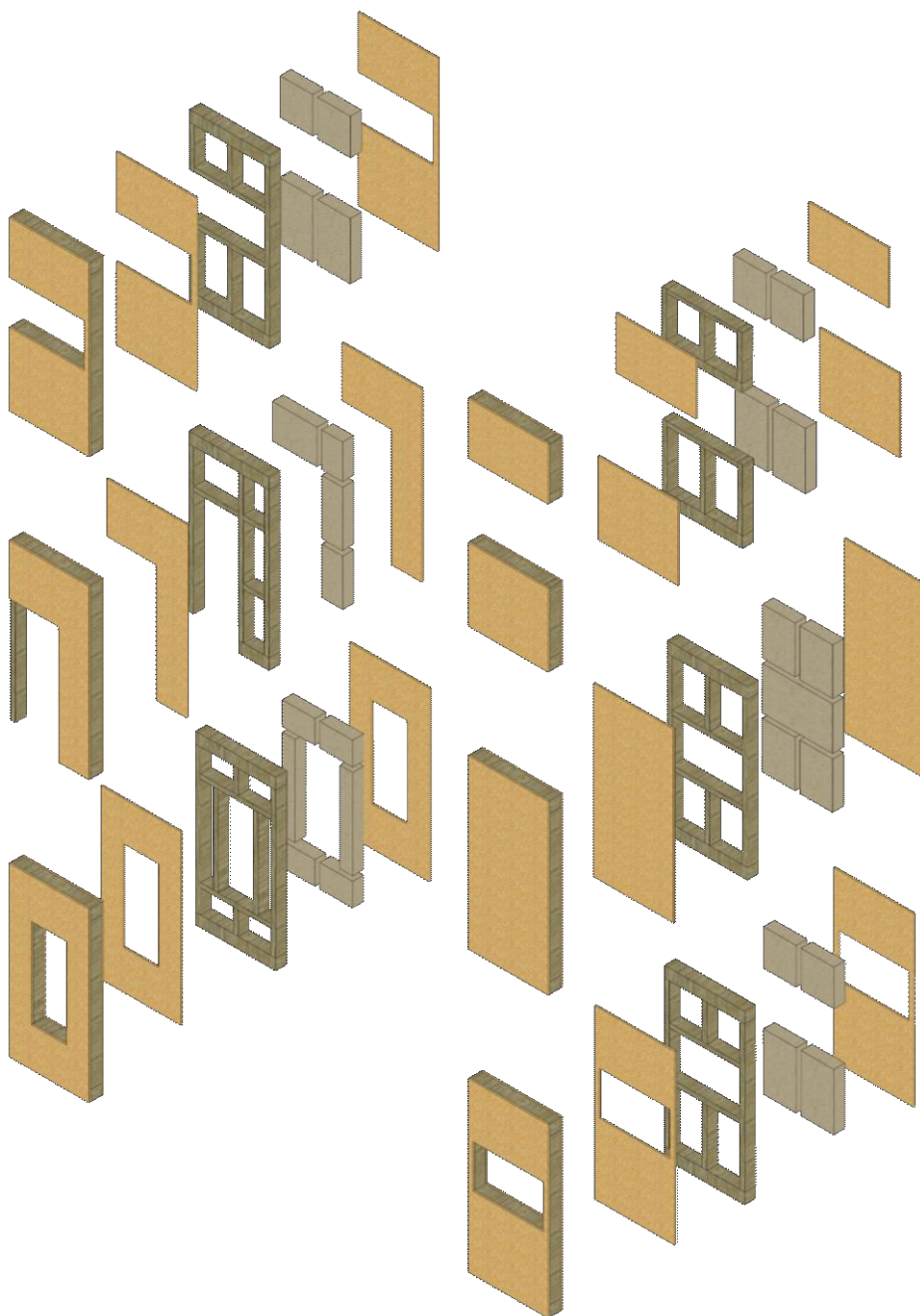


Fonte: Acervo do Autor

7.7 FECHAMENTOS

Os módulos de fechamentos são compostas em por 5 painéis que contam com aberturas para portas, janelas e maciços, e 2 peças compensadoras, 1 para fechamento simples e outra para extensão das aberturas. Compostos por uma estrutura em mlc de eucalipto, revestidas com chapas de compensado impermeabilizado de eucalipto e preenchido com a serragem oriunda da fabricação das próprias peças contribuem para o isolamento térmico e acústico.

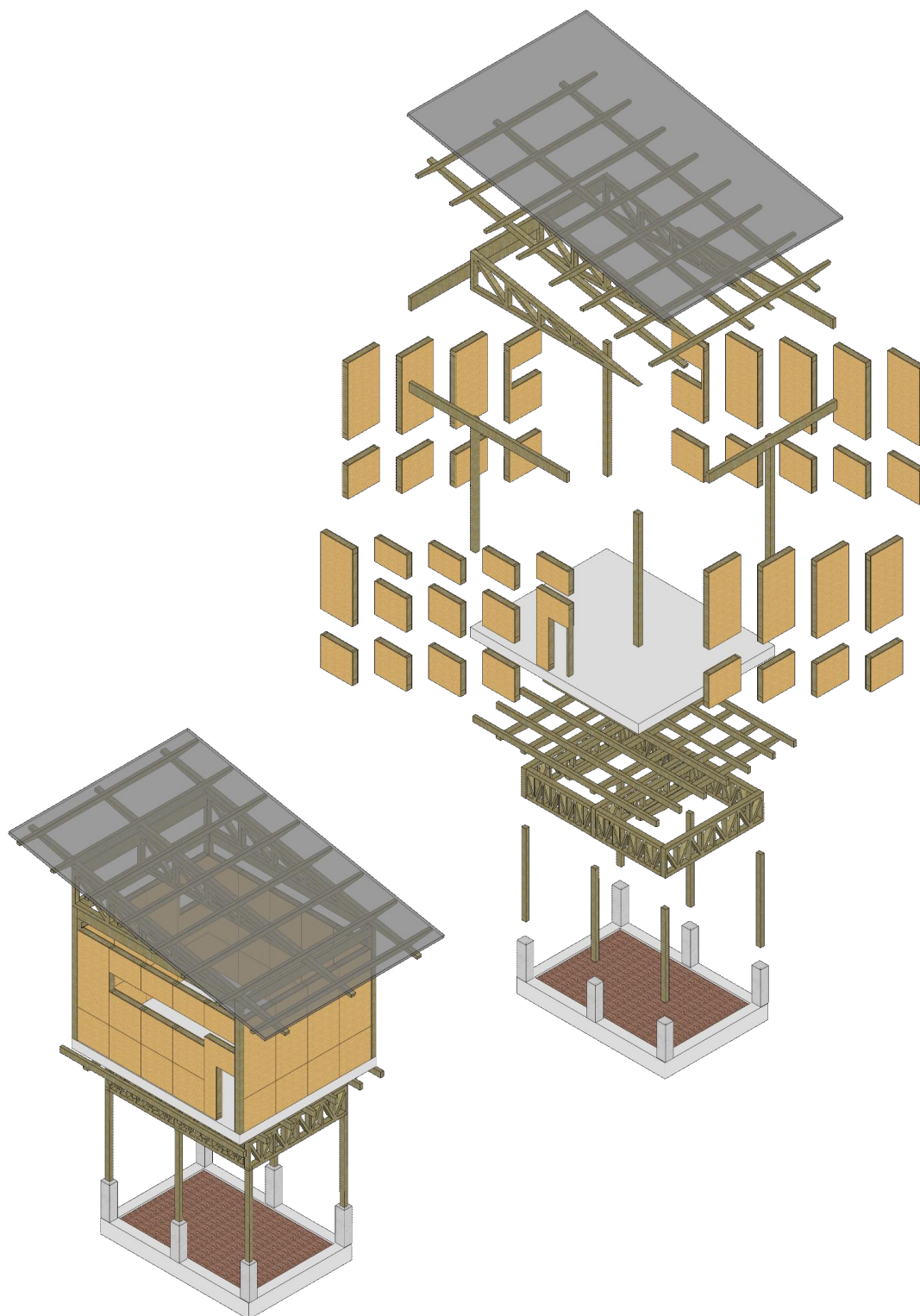
Figura 50: Módulo de fechamento



Fonte: Acervo do Autor

O módulo síntese apresenta os usos de cada componente do conjunto de elementos construtivos, onde é possível identificar e analisar as possíveis articulações do jogo de peças.

Figura 51: Módulo síntese



Fonte: Acervo do Autor

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os levantamentos realizados, foi possível constatar as problemáticas ambientais que acometem a região da Pedra Grande, as possibilidades da exploração do turismo ecológico se mostraram favoráveis na região. Para a próxima etapa estima-se a continuidade dos levantamentos técnicos e bibliográficos que complementem o projeto nos âmbitos referentes aos métodos de produção agrícola que possam suprir as demandas do conjunto, mecanismos legais que viabilizem a tomada da matéria prima que será utilizada para a confecção dos módulos, revisões projetuais podem ser feitas após os novos levantamentos.

REFERENCIAS

- Batista, G. T. (2006). *Estruturação e disponibilização do banco de dados ambientais da bacia do rio una, bacia do rio paraíba do su*. Fehidro, São Paulo.
- Bauzer, R. (1983). *Crescer numa cidade grande*. (P. Guanaes, C. Estrella, & C. R. Diament, Eds.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dagnino, R. (2009). *Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade*. Campinas: Unicamp.
- Eichler, E. P., & Nordwitch, B. (outubro/novembro/dezembro de 1971). Novas cidades: idéias vs. realidade. *Diálogo*.
- Engels, F. (2007). *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Acesso em 09 de Abril de 2020, disponível em Arquivo marxista na internet: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap01.htm>
- Fantini, A., Rover, O. J., Chiodo, C., & Assing, L. (2017/2018). *groturismo e Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos Orgânicos na Associação “Acolhida na Colônia” – SC/BrasilI*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,.
- Ferrara, L. D. (1999). *Olhar periférico* (2 ed.). (S. Biral, Ed.) São Paulo: edUSP.
- Ferreira, T. L. (2014). *Arquiteturas vernáculas e processos contemporâneos de produção: Formação, experimentação e construção em um assentamento rural*. IAU/USP, Grenoble.
- FUKUOKA, M. (1985). *La senda natural del cultivo: teoria y practica de una filosofia verde* (1 ed., Vol. 1). (TERAPIÓN, Ed.) JAPÃO: TERAPIÓN.
- Getulio Teixeira Batista. (2006). *Estruturação e disponibilização do banco de dados ambientais da bacia do rio una, bacia do rio paraíba do sul*. Unitau, Taubaté.
- GUZZATTI, T. C. (2003). *O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural; sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas encostas da serra geral catarinense*. UFSC, Florianópolis.
- Ino, A., Perrin, A. G., Rodríguez, A. C., Lenzi, C. C., Lopes, J., P. Teixeira Col, M., . . . Ferreira, T. L. (2019). *I seminário regional do habitat rural moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista*. IAUI/USP, São Carlos.
- Kristol, I. (outubro/novembro/dezembro de 1971). A crise urbana e a classe pobre. *Diálogo*.

- Mellow, J. R. (outubro/novembro/dezembro de 1971). Hopper: o pintor das cidades. *Diálogo*.
- Molinaro, L. A. (outubro/novembro/dezembro de 1971). O impacto sobre as metrópoles antigas . *Diálogo* .
- Portuguez, A. P., Seabra, G. d., & Queiroz, O. T. (2012). *Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local*. João Pessoa : Editora Universitária da UFPB.
- Revista E . (01 de janeiro de 2020). *Sociedade Fragmentada*. Acesso em 05 de março de 2020, disponível em Sesc SP: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13957_SOCIEDADE+FRAGMENTADA#
- Santos, M. (2006). *A NATUREZA DO ESPAÇO: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: edUSP.
- Stedile, J. P. (junho de 1997). A luta pela reforma agrária:os desafios de toda sociedade. *Revista Adusp*, 6.